



**COLÉGIO MILITAR
DE SALVADOR**

**ANTOLOGIA
ESCOLAR**

2020

COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

ANTOLOGIA ESCOLAR 2020

**COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR
ANTOLOGIA ESCOLAR – 2020**

Comandante e Diretor de Ensino
Cel Inf QEMA Rubem Mendes da **Costa Neto**

Subdiretor de Ensino
Coronel Cav Ricardo **Guglielmi**

Comandante do Corpo de Alunos
Coronel Inf **Ulisses** Tavares Neves

Chefe da Divisão de Ensino
Tenente-Coronel QCO Gilberto **Renganeschi** da Silva

Digitação:
Professores e alunos do
7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e
1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Diagramação:
Professora Simone Miranda Bastos

Organização, seleção e revisão dos textos:
Professora Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola

Colégio Militar de Salvador
Rua das Hortênsias, s/n - Pituba
Fone: (71) 3205-8805
<http://www.cmsalvador.eb.mil.br>
e-mail: ava@cmsalvador.eb.mil.br
ISBN: 1948-2

Professores de Língua Portuguesa Produção textual – 2020

Ensino Fundamental:

7º ano

Major Cinthia Maria da Fontoura Messias
Professora Lidiane Conceição Morais Silva

8º ano

Professora Dannuza Labanca Brandão Visintainer
Tenente Liliane Silva de Aquino

9º ano

Professora Aline de Melo Faria Pereira

Ensino Médio:

1º ano

Professora Aurení da Silva Magalhães

2º ano

Professora Luciana Santos de Oliveira
Professora Ana Telma Miranda do Espírito Santo

3º ano

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

Responsável pela Antologia:

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	9
APRESENTAÇÃO	10
Jorge Amado manda notícias de Salvador e do mundo: sobre cartas atemporais e diálogos na areia.....	12
POEMA.....	14
Presos na própria casa.....	15
Longe do mundo.....	16
Quarentena.....	17
Meu nobre cadinho	18
Sapo cururu: uma paródia a Manuel Bandeira.....	21
Vai explodir (Paródia de “Vamos fugir”, de Gilberto Gil)	22
MEMÓRIAS	23
O que corre em minhas veias	24
Vivências memoráveis	26
O peso da ponte	28
Inspiração garança.....	30
Minha experiência com a iniciação científica.....	31
RESUMO.....	33
Impactos virtuais	34
Uma nova essência para as amizadas?.....	36
RESENHA.....	37
Originalidade, graça e lições.....	38

Feedback de um leitor walcyniano	39
O leitor presente nas histórias.....	40
Reflexões.....	41
CARTA	43
À querida Del	44
À caríssima Del.....	45
À prezada foca Del	46
Ao caro Afonso Machado.	48
Ao prezado Afonso Machado.	49
Ao caríssimo Afonso Machado	51
Ao prezado Ícaro.....	52
Ao caro Ícaro.....	54
Ao vaqueiro Manuelzão.....	56
Ao caro vaqueiro Manuelzão.....	58
Ao amigo Manuelzão	60
Ao menino Miguilim	62
À redação da Revista Rio Pesquisa	64
DISSERTAÇÃO EXPOSITIVA E ARGUMENTATIVA.....	66
Dependência digital	67
O reflexo do preconceito linguístico na sociedade.....	68
A sociedade brasileira e o preconceito linguístico	70
Inteligência Artificial: cuidados com essa realidade.....	72
Conhecimento e adaptação.....	73
Cuidados e mudanças.....	74

Uma pergunta.....	76
Justiça para todos	77
Estruturas que impossibilitam a balança da Justiça	79
Reflexos da desigualdade	81
A chave para a igualdade.....	83
A importância da inclusão social na escola	85
O ato de escrever em “brasileiro”	86
Querido Português, usar-te-ei como eu quiser	88
A bola de neve do mercado de trabalho	89
O anzol da liberdade.....	91
As fronteiras do mundo acadêmico, uma ciência desigual	93
Ela é deus?	95
Moçambique: literatura também é história.....	97
Uma missão essencial.....	99
CAPITÃES DA AREIA	101
Poema sobre cena de <i>Capitães da areia</i>	102
Uma apresentação.....	103
Ao senhor diretor do reformatório	104
Ao caro Boa Vida.....	106
Ao prezado chefe de polícia	108
À prezada dona Esther.....	110
Ao caro padre José Pedro.....	112
POEMA-OBJETO	113
Poema-objeto 1	114

O Impossível Carinho	116
Poema-objeto 2	117
Poema de finados	119
Poema-objeto 3	120
Camelôs	121
Poema-objeto 4	122
Poema-objeto 5	123
Oração a Teresinha do Menino Jesus	125
Poema-objeto 6	126
Profundamente.....	128
Poema-objeto 7	130
Poética	131
Poema-objeto 8	132
Vou-me embora pra Pasárgada	134
Poema-objeto 9	136
Andorinha	137
Poema-objeto 10	138
A virgem Maria	140
Poema-objeto 11	141
O último poema	142
CONTO	143
Desvario nas profundezas.....	144
TEXTO DE DESPEDIDA DO CORONEL ALUNO.....	154
Saudades.....	155

OBSERVAÇÃO

Os textos seleccionados e apresentados não refletem necessariamente o pensamento do CMS e são de inteira responsabilidade dos autores.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pelo milagre da vida e da saúde.

Ao *Comandante do Colégio Militar de Salvador*, por tudo que fez em nome de seus comandados, com dedicação e lealdade.

Ao *Subdiretor de Ensino*, pela confiança em toda a equipe do Colégio.

Ao *Comandante do Corpo de Alunos*, pela continuidade do apoio aos nossos infantes em momento crucial de seus caminhos.

Ao *Chefe da Divisão de Ensino*, pela escuta constante e o pelo convívio ameno e necessário.

À *Supervisão Escolar*, pela sabedoria e pela eficiência na organização de nossas atividades.

À *Seção Psicopedagógica*, pelo trabalho reparador de nossas mentes.

Aos *Mestres*, pela superação grandiosa dos obstáculos e pela vitória nessa batalha.

Aos *Monitores e aos demais membros do Colégio*, pela participação ativa em busca de uma formação íntegra de nossos jovens.

Aos *Responsáveis*, pelo afeto e pela presença, compartilhando conosco o desafio de educar.

APRESENTAÇÃO

*É preciso arrumar o peito,
preservar o jeito de ser feliz.
Difundir o amor que dá rumo à vida,
e plantar no coração do homem
felicidades sem desespero.*

Geni Guimarães, "Reforma".

2020. Ano de paralisações e isolamentos. Ano de perdas. Incrivelmente, a nossa comunidade escolar não parou. Reinvenção, coragem e força são apenas três substantivos entre tantos que poderiam definir o nosso grupo. Aqui, alguns exemplos das turmas dos ensinos fundamental e médio: a arte como potência criativa e mola propulsora de superação; a educação pautada na produção de textos críticos e profundos, nos dando régua e compasso para prosseguir.

O nobre cadinho possibilitou que nós, mesmo isolados em nossos lares, pudéssemos manter o contato com o mundo das letras, das memórias, das correspondências, das argumentações, da poesia.

Nessa Antologia, logo no início, somos presenteados com o convidativo texto da Professora Luciana Oliveira que, junto com os alunos do segundo ano do Ensino Médio, desenvolveu um trabalho assertivo sobre os *Capitães da areia*, de Jorge Amado, a quem dedicamos um espaço especial.

Em seguida, há poemas que versam sobre o nosso drama de viver o tempo de uma pandemia, bem como sobre a exaltação dos atores educacionais e a formação do aluno do Colégio Militar de Salvador, até paródias bem humoradas sobre momentos culturais e históricos do início do século XX.

As memórias literárias (ato de escrever e reviver uma época por meio de lembranças pessoais) são inspiradoras, pois elas nos permitem um alcance de como os estudantes se sentem quando adentram pela primeira vez os portões do Colégio, as inspirações ao longo da trajetória, as experiências – das amizades compartilhadas à

iniciação científica –, chegando ao ponto de reconhecerem a essência de um sangue vermelho, garança e verde-oliva.

A partir de resumos e resenhas, essa juventude nos encanta com sua mirada para o mundo virtual e com a sensibilidade para entrever as aproximações da vida cotidiana nas crônicas lidas. Além disso, em cartas – para personagens variados e para o autor de um livro –, ficamos diante do reconhecimento de que na fabulação dos seus escritos também se encontra o direito à literatura do qual nos falou o sociólogo e professor Antonio Candido.

Na seção voltada para as dissertações escolares, acompanhamos uma série potente do labor desenvolvido por esses participantes das principais discussões do nosso tempo, como o combate aos preconceitos linguísticos e a defesa por um língua verdadeiramente nacional; os desafios da ciência e os cuidados com a inteligência artificial em relação ao futuro do ser humano; a busca por justiça e equidade para nossa sociedade; e as relações entre literatura e história proporcionadas pela leitura de *A confissão da leoa*, do autor moçambicano Mia Couto.

As atividades on-line foram responsáveis por ascender não só a criatividade como a inteligência para produzir poemas-objetos sobre a obra *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, utilizando apenas aquilo que houvesse de fácil acesso em casa. Temos a chance de seguir o percurso dessas composições acompanhadas pelos poemas que deram asas à imaginação.

No desenlace, ainda podemos ler um conto, cheio de mistérios em alto mar, nos levando a pensar o que vale mais na vida. Não poderíamos encerrar essa coletânea com um termo mais pulsante do que “saudades” (assim mesmo, no plural, bem brasileiro), com o texto de despedida do coronel-aluno.

Sim, é preciso continuar! Como nos diz a poeta Geni Guimarães, plantar e preservar formas de sermos felizes! A literatura, como a arte da palavra, é um dos caminhos. Nada mais me cabe dizer, a não ser: boa viagem!

Jorge Amado manda notícias de Salvador e do mundo: sobre cartas atemporais e diálogos na areia

E eis que, em algumas das páginas postas a seguir, podemos contemplar aquela que, se não for a principal função da literatura, é certamente uma das mais importantes, aquela que a faz necessária entre nós e que garante a sua sobrevivência: ser a ponte entre a existência limitada e breve do indivíduo e outras experiências maiores e tão múltiplas quanto são as possibilidades de ser e de estar no mundo.

Assim, em várias das páginas que constituem esta Antologia, está materializado, por meio de cartas, um diálogo literário que uniu, acima da temporalidade cronológica, a vida de estudantes do 2º ano do Ensino Médio do século XXI à vida dos *Capitães da areia*, de Jorge Amado, os meninos que perambulavam pelas ruas da Salvador de 1937 e que, infelizmente, ainda perambulam pela cidade concreta de agora, a um só tempo tão hostil e tão hospitaleira.

O trabalho que tive a felicidade de mediar como a então professora de Língua Portuguesa daquelas turmas se consolidou na produção de cartas que os alunos-leitores escreveram e que ultrapassam a finalidade primeira desse gênero textual. Afinal, esses textos se fizeram transbordamento e entrelaçamento das vivências que os estudantes, filhos desta contemporaneidade, tão tecnológica quanto superficial, experimentaram ao flunar pelas ruas da cidade mapeada por Jorge Amado e ao serem tocados pelas vidas daquelas crianças e adolescentes, abandonados à própria sorte e à desigualdade social feroz. Ao se esconderem empilhados no velho trapiche, eles tentam sobreviver a uma Salvador já geográfica e socialmente dividida.

Dessa forma, a proposta de se produzirem cartas destinadas às personagens ou ao próprio autor de *Capitães da areia* se justificava não apenas pela notável atualidade do livro, pela forma brilhante com a qual Jorge Amado nos arrasta para as histórias que compartilha ou pela coincidência de constar em nosso planejamento pedagógico o trabalho com esse gênero textual. Para além de tudo isso, ocorre que os leitores também se fizeram escritores pela

vontade de devolver a conversa que aquelas personas ficcionais, ora feras, ora crianças, propõem. Ocorreu a vontade de se estabelecer uma troca de experiências em um tipo de comunhão que somente a arte é capaz de produzir. Nessas cartas, encontramos relatos sobre o medo, a revolta, o amor, a compaixão e a empatia que aquelas vidas, quase tão reais quanto as nossas, provocam. Nesses escritos, enfim, está registrado o desejo que as garotas e os garotos do lado de cá sentiram de dizer que, finalmente, percebiam e aceitavam as contradições que os transpassam porque puderam observar que essas contradições transpassam o humano.

Portanto, algumas das páginas que vêm a seguir retratam o passo fundamental que nossos estudantes deram em direção à unidade perdida nestes tempos, que tantas vezes pulverizam as nossas identidades, a nossa capacidade de associar e de trocar experiências. Eles aceitaram o convite para seguir o caminho longe das telas dos computadores e da luminosidade dos seus smartphones, rumo a um saber precioso que somente a literatura pode oferecer. Eles pisaram a areia, adentraram o trapiche e estabeleceram um profundo diálogo sobre humanidade. E sou muito grata por poder presenciar tudo isso.

Luciana Oliveira – Prof.^a de Língua Portuguesa e Produção Textual

POEMA

Presos na própria casa

Ele chegou sem avisar
Por causa dele nós não podemos sair de casa
Viramos pássaros sem asa
O vírus fez o mundo parar

Não podemos nos abraçar
O mundo sem pessoas é como uma fogueira sem brasa
Esse perigo invisível é uma grande ameaça
É proibido encostar, muito menos beijar

Mas não precisa desespero
Tudo isso é para o nosso bem
Só precisamos agir com esmero

Importante lavar as mãos também
Cuidar do nosso irmão com zelo
Buscar a esperança e a fé que lhe convém

Aluno 4668 - Eduardo Antônio - Turma 901

Longe do mundo

Nos países a crise só se propaga.
Da janela só vejo a estrada vazia.
Se eu estivesse lá fora, o que eu faria?
Toda essa situação é uma chaga.

Protegido em casa da praga,
nessa jornada é necessário resistência.
Em meio ao caos, requer paciência.
O medo realmente nos esmaga.

Eu queria que logo acabasse,
pois assim a saudade matava
Quando os amigos encontrasse.

Com felicidade visava
Que o momento alcançasse
eles eu logo abraçasse.

Aluno 4329 - Erick Gomes - Turma 902

Quarentena

A população tem que se isolar
Por causa do novo coronavírus
Todos têm que se ajudar
Porque é muito sério esse vírus

Nesse isolamento coletivo
Os pais estão indo trabalhar
Para poder conseguir o objetivo
Que é poder se sustentar

Enquanto isso no lar
O filho tem que estudar
E prestar atenção para poder se prevenir

Todos têm que perceber
Que para ninguém mais morrer
Todos nós devemos nos unir

Aluno 4563 - Guilherme Stefanel - Turma 902

Meu nobre cadinho

Ao adentrar pelo portão
É nítido em minha memória
Marchar por aquele chão
Era o início de uma história

Sobre o nobre cadinho
Tenho muito o que contar
São anos de amor e carinho
No meu Colégio Militar

Para nos representar
Até mascote temos
Fico feliz em citar
O fantástico Nicodemus

Disciplinas são cruciais
Caráter é essencial
Com alunos geniais
Somos referencial

Diferentes assim
Priorizamos o patriotismo
Obtemos valores sim
Do real militarismo

Uniforme sempre apresentar
Ser ilustre é importante
Boa aparência tem de zelar
Aprendi com o comandante

Para honrar nossa nação
Bote a mão na consciência
Quem me disse foi um capitão
Ensinando-me a continência

Aos meus queridos monitores
Tomem aqui um incentivo
Para cada um dos senhores
Eu dou um FO positivo

Agradeço ao corpo docente
Do saber são precursores
Me fornecem educação descente
Obrigada, caros professores

Temos muito a aprender
Matérias devo estudar
Não posso deixar de dizer
Da nossa grade extracurricular

Me incentivam a tocar
Canções do dia a dia
Na banda posso relaxar
Ao som de uma melodia

Para os criativos de plantão
Que merecem reconhecimento
Vou dar uma sugestão
O Desafio Global do Conhecimento

Natureza tem que preservar
Isso não é novidade
As plantas devo cultivar
No Centro de Biodiversidade

Com o técnico eu aprendo
Ao adversário respeitar
Ganhando ou perdendo
O importante é participar

Por falar em esportes
Já me bate uma saudade
Em competir com os fortes
Nos Jogos da Amizade

Quando a boina recebi
Minha mãe chorou
Agora eu entendi
Porque ela se emocionou

Tive ensinamentos
Que comigo vou levar
Vivi incríveis momentos
Irei sempre lembrar

Não é apenas um colégio
Há amor agregado
Afirmar isso é privilégio
O recinto é sagrado

Saudade vou sentir
De tudo que aqui passei
No momento de sair
Pelo portão que adentrei

Aluna 4105 - Victória Chicourel - Turma 205

Sapo cururu: uma paródia a Manuel Bandeira

Manuel Bandeira
Faleceu no rio
Era parnasianista, mainha
Mas sofreu desvio

Ele fazia versos
Como desencanto
De pura tristeza, mainha
Como quem chora aos prantos

Mas o *Carnaval* chegou
E então tudo mudou
Porque agora ele versava
Feito Pierrot

Em menos de uma semana
Antes do Abaporu
O Brasil parou para ouvir
O sapo cururu

Aluna 3982 - Ana Dourado - Turma 302

Vai explodir (Paródia de “Vamos fugir”, de Gilberto Gil)

Vai explodir, nesse lugar, baby
Vai explodir
Revoltas vão rolar
Com a coluna Prestes

Vai explodir, nesse lugar, baby
Vai explodir
Todos querem derrubar
As oligarquias

Não vão aguentar
O controlar, o controlar
Só voto para SP
Para MG e só
Olha só, olha só
Sem outro ramo comum
nenhum outro qualquer
Só café, só café
Também o gado sob o sol
Dando leite para mané

Aluna 3955 - Leticia Silva - Turma 304

MEMÓRIAS

O que corre em minhas veias

Nasci em uma pequena cidade embrenhada na Floresta Amazônica, São Gabriel da Cachoeira. Lá, me acostumei a aproveitar minha própria companhia e brincar só, em meu universo particular. Embora não fosse muito sociável ou comunicativo, sempre fui criativo e enxerguei o mundo de uma maneira particular. Esporadicamente, quando tinha folga no colégio, ia visitar meu pai no Batalhão de Infantaria da Selva, onde ele servia, e me lembro bem de sentir-me pertencente àquele lugar, como se meu sangue fosse verde-oliva.

Tinha pouco mais de treze anos, quando, radiante, meu pai anunciou nossa transferência para Salvador, capital baiana. Senti um turbilhão de emoções: felicidade por sua conquista, mas, por outro lado, medo em seu estado mais puro por não saber se conseguiria me adaptar à vida em uma cidade grande e à rotina no Colégio Militar de Salvador (CMS). Em quatro meses, partimos para nosso novo lar. Era minha primeira vez fora do Amazonas e, embora a saudade apertasse, aquele era o começo de uma nova fase da vida.

Logo, verifiquei que meus temores eram verdadeiros. Senti dificuldades em acompanhar os conteúdos, posicionando-me nas aulas de forma cada vez mais tímida e reservada, tendo receio de tirar dúvidas e ser considerado incapaz por colegas. Afinal, todos ali se conheciam e se respeitavam há anos. Assim, evitava contato com outros alunos e até mesmo com monitores. Todos os dias, porém, retornava para casa pensativo e questionava o porquê de não ser envolto pela mesma sensação calorosa que sentia no quartel do meu pai.

Entretanto, à medida que as semanas passaram, a farda parecia, cada vez mais, parte do meu corpo e fui me tranquilizando, todavia, sem desvencilhar-me da timidez. Em meu silêncio, aprendi a escutar com atenção. E foi por isso que, quando um grupo de alunos do 3º ano foi à minha sala anunciar que haveria uma simulação do Modelo das Nações Unidas (MUN) em que o Clube de Relações Internacionais (CRI) iria participar, fui o único da minha série a escutá-los e a se inscrever.

Embora o nervosismo estivesse prestes a me dominar, um instinto não me deixou desistir e, vestindo um terno emprestado, iniciei aquela que seria a experiência que mudaria a minha vida. Eu era o delegado mais novo de toda a MUN, estava em um comitê repleto de veteranos, mas, com o poder atribuído a mim por representar uma nação inteira, ainda que fosse a mais fragilizada da conferência, experimentei uma segurança que nunca havia sentido antes e defendi seus posicionamentos e interesses como se fossem meus próprios ideais. Ao final de dois dias de debate, na cerimônia de encerramento, fui laureado com minha primeira menção honrosa. Naquele exato momento, eu estava me tornando outra pessoa. Os aplausos, assovios e olhares orgulhosos que recebi daqueles que, posteriormente, seriam meus primeiros amigos e irmãos, representaram bem mais que um mero pedaço de papel. Quando a delegação bradou o “Zum Zaravalho” para celebrar a solenidade, percebi que havia ganhado uma segunda família, na qual eu tinha voz, imagem e valor.

O engajamento com as simulações dentro do Sistema Colégio Militar do Brasil e com os eventos de Salvador, a linda terra que aprendi a chamar de lar, me moldou alguém confiante, determinado e seguro, além de ter aberto horizontes para que eu me tornasse um líder e me desenvolvesse nas áreas acadêmica e esportiva. Destarte, passei a considerar o nobre cadinho como “casa”, o “Zum Zaravalho” como um símbolo de união e reconheci que nas minhas veias corre uma bela mistura de sangue vermelho garança e verde-oliva.

Aluno 4112 - Matheus Luquini - Turma 201

Vivências memoráveis

Ser filho de militar nos leva a conhecer o mundo por outra perspectiva. Recordo-me certa vez, em 2012, quando eu tinha 9 anos, meu pai me levou para assistir ao show da Esquadrilha da Fumaça, esquadrão de demonstração da Força Aérea Brasileira, no Morro do Cristo, em Salvador. Foi uma apresentação memorável. Liberdade, velocidade, leveza e fluidez me encantaram. “Como é possível um objeto mais pesado que o ar fazer acrobacias dessa maneira?”, indaguei. Já não podia deixar de pensar. Surgia, então, meu sonho de ser piloto de aeronaves.

Em 2016, ingressei no Colégio Militar de Salvador, no 8º ano e, devido à minha permanência durante dois anos no Colégio Militar de Manaus (6º e 7º ano, em 2014 e 2015, respectivamente), já tinha conhecimento das atividades extracurriculares oferecidas, como os Grêmios estudantis destinados a realçar e explorar as características de cada uma das armas presentes nas forças armadas. Estava certa de qual grêmio escolheria: Grêmio da FAB, mais conhecido como Grêmio da Aeronáutica.

O Grêmio da Aeronáutica proposto pelo colégio tem como objetivo fazer com que seus participantes conheçam e se aproximem ao máximo do dia a dia de militares presentes na Força Aérea Brasileira, bem como suas funções e organização dentro de dada instituição. Conta com o apoio da Base Aérea de Salvador (BASV), que disponibiliza seu centro para diversas atividades do Grêmio, como visitas e batismos. Localizada próxima ao Aeroporto Internacional de Salvador, a vista de seu território não poderia ser mais perfeita: a pista de pouso e decolagem do aeroporto, onde é possível ver diversos aviões todo o tempo, partindo e chegando ao seu destino. Além do Grêmio ter me proporcionado um passeio de avião de posse da FAB (Caravan), tive a oportunidade de conhecer uma faculdade que possui o curso de Ciências Aeronáuticas, utilizar seus simuladores e sentir um gostinho especial estando mais perto do meu sonho.

Minha vivência nessa atividade extracurricular me inspira todos os dias. Não somente suas atuações, como também seus

integrantes, que demonstram grande apreço por essa experiência e são como uma família para mim, deixando registrado em minha memória a importância que tem em minha formação, tanto emocional quanto ligada à minha futura profissão.

No ano de 2020, tenho a honra de ser a presidente desse Grêmio, que desde meu ingresso tem me proporcionado ótimas experiências, que fizeram com que minha paixão por aviação apenas crescesse. As oportunidades que o Grêmio da FAB me proporcionou foram de extrema importância para impulsionar meu sonho e todas as memórias que ele me traz não poderiam ser diferentes: felicidade, perseverança e amor pelo meu sonho. O Grêmio da FAB me proporciona liberdade. Ele é essencial para mim e sempre será memorável.

Aluna 4241 - Stephany Beis - Turma 303

O peso da ponte

Hoje, estava lembrando quando as solas dos meus tênis pretos deram seus primeiros passos, em marcha, por entre os portões da Escola de Formação Complementar do Exército. Naquele momento, as construções pareciam mais altas, o retumbar do bumbo formava unísono com as batidas do meu coração e os bustos dos lendários patronos penetravam em mim com seus olhares. De fato, esse foi o marco no qual percebi o peso de passar a denominar-me aluno do Colégio Militar de Salvador.

Ao longo dos anos, inúmeros foram os momentos desafiadores que passei na instituição, como as simulações das Nações Unidas. Rememoro, inclusive, minha primeira simulação, na qual discursi uma única vez, tímido de tão impressionado com a habilidade dos mais antigos. A partir daquele dia, aperfeiçoar-me nas diversas atividades tornou-se um objetivo de vida.

Seguindo esse raciocínio, também intensifiquei os estudos para as olimpíadas científicas, buscando, cada vez mais, ampliar os méritos. Entretanto, o caminho nem sempre foi exitoso, como, por exemplo, o episódio em que deixei uma prova da Olimpíada de Matemática inteiramente em branco. Confesso que me senti pressionado por não corresponder à farda que vestia, mas meus professores do Colégio não permitiram que eu desistisse. Sendo assim, continuei perseverante na aquisição de conhecimento, passando a frequentar, nos horários vagos, a biblioteca do CMS.

Além disso, é impossível não recordar o papel fundamental que as Olimpíadas Internas de 2018 tiveram na minha caminhada. Nesse ano, representei a minha turma na modalidade xadrez, um jogo desafiador em amplos aspectos. Contudo, não só serviu para aguçar meu senso de competitividade, como também me permitiu colocar em prática valores imprescindíveis para os meus objetivos, como honestidade e iniciativa.

Assim, é com doce e profundo sentimento nostálgico que transcrevo essas memórias como um semifinalista da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa, em São Paulo, refletindo como cada detalhe das minhas vivências no Colégio Militar de Salvador

contribuíram para essa conquista. Por isso, caro leitor, aproveite as mínimas oportunidades, sempre prezando por valores e eficiência. Afinal, aquilo que parecia um fardo, na verdade, era uma ponte.

Aluno 4071 - Levi - Turma 202

Inspiração garança

O tênis preto, a calça azul, a blusa branca: a semana zero é o primeiro passo para todo aluno de Colégio Militar, marcando o início de um ciclo. O passeio pelas dependências da escola aconteceu logo no primeiro dia e cada um dos alunos mais velhos que nos guiava compartilhava um pouco de suas vivências no nobre cadinho. Como a maioria dos novatos ali, eu também admirava cada um dos feitos contados, pensando se algum dia poderia ser eu naquele lugar, pensamento que me acompanhou nesses sete anos de SCMB.

Em um belo dia, como toda estudante do terceiro ano, peguei-me pensando nos momentos que mais me deixavam nostálgica. Impulsionada por uma foto de uma amiga de um antigo colégio, imaginei como seria minha vida se eu tivesse continuado naquela escola, sem os amigos que fiz nessa jornada, sem ter tido os professores cujos ensinamentos extrapolam a sala de aula, sem ter sido, enfim, construída como fui. No fim do dia, percebi que, tendo estudado em outro colégio, eu simplesmente não seria a pessoa que sou hoje.

Toda essa reflexão me levou a pensar na trajetória que tomei no Colégio Militar, perpassando esportes, clubes e todas as atividades que já tive a oportunidade de fazer parte. Ainda pensando na semana zero, lembro de todas as pessoas – amigos, veteranos, professores, monitores – que já me inspiraram e tento, todos os dias, fazer com que esse sentimento seja transmitido em minhas ações cotidianas, sejam elas dentro do colégio ou fora dele.

Hoje, faltando tão pouco tempo para me formar, olho para trás e vejo a importância de cada uma dessas coisas para a minha construção como aluna, cidadã e pessoa. Olhando ainda mais longe, para aquele primeiro dia de aula, vejo cada um dos veteranos e percebo que, enfim, pareço um pouco com eles: trago comigo experiências e valores que formam quem sou, e que são proporcionados também pela minha vivência no Colégio Militar de Salvador.

Minha experiência com a iniciação científica

No ano de 2018, eu estava no primeiro ano do ensino médio e minha professora de Língua Portuguesa me apresentou a oportunidade de participar de um projeto de iniciação científica. Eu logo me interessei, uma vez que gosto muito de escrever e seria uma boa experiência para explorar a minha escrita de uma forma diferente.

Então, fiz uma redação contando um pouco sobre minha história e sobre a minha relação com a literatura. Depois, fiz uma entrevista com a orientadora do projeto e, logo de cara, me identifiquei muito com a temática do artigo, “Passeios analíticos pela contemporaneidade literária”, com enfoque para as dinâmicas migratórias do romance *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende, já que, assim como no livro, durante a minha vida, a migração também foi um traço marcante e importante.

Fui selecionada para participar do projeto e já tive que lidar com a burocracia para conseguir os documentos necessários. Fiquei alguns dias correndo atrás de professores e coordenadores, mas, enfim, consegui resolver tudo. Embora tenha sido uma parte complicada, foi importante para perceber como funcionam algumas coisas na área acadêmica e na vida em geral, já que eu precisei realmente me desdobrar para adquirir algo que não era de tão fácil acesso.

Em seguida, o projeto teve efetivamente um início, assim, precisei estudar metodologia de pesquisa, aprender a fazer fichamentos com base em outros artigos, fazer a leitura da obra *Outros cantos*, para só depois começar a escrever, a parte que mais me interessava.

Não foi um processo fácil. Tive inúmeras dificuldades, principalmente para me adaptar à linguagem acadêmica, tão diferente da que eu estava acostumada na escola, e a conciliar tudo com as atividades escolares. A pior parte era as frequências mensais, porque eu ficava desesperada por, muitas vezes, não ter conseguido cumprir a quantidade de horas necessárias e ter que compensar nos próximos meses. Sempre fui uma aluna muito estudiosa e

responsável, mas nunca tinha precisado monitorar tão especificamente as minhas atividades e as horas destinadas a elas, por isso, foi muito complicado tanto na organização quanto no quesito emocional, ficava muito chateada e me sentia mal por não conseguir cumprir o planejado.

Foi então que, depois de pensar em desistir várias vezes, conversei com a orientadora e também obtive ajuda muito significativa da minha professora de Língua Portuguesa e da minha família e, finalmente, consegui sentir que estava realmente atingindo o objetivo de construir um artigo científico e até gostar disso. Mesmo que tenha sido uma experiência emocionalmente conflituosa, foi importante para o meu crescimento acadêmico e pessoal, além de o processo da escrita ter sido muito enriquecedor e carregado todos esses ganhos comigo até o presente.

Hoje, olho para trás e sou muito grata e feliz por ter conseguido traçar essa trajetória e produzir o artigo intitulado “Dinâmicas migratórias no romance *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende” e sou mais grata ainda a todas as pessoas, minha orientadora, Prof. Giselle Ribeiro, minha professora de Língua Portuguesa, Prof. Esmeralda Cravançola, e aos meus pais Rute e Joe, por todo o apoio que me deram. Essa conquista não é só minha, mas de todos que me fizeram chegar até aqui e conquistá-la. Como tudo na vida, ninguém faz nada sozinho.

Aluna 3978 - Sarah Alves - Turma 302

RESUMO

Impactos virtuais

Consoante o texto escrito por Hilary Stout, “Tecnologia parece alterar caráter de amizades juvenis”, publicado no jornal estadunidense *The New York Times*, o avanço da tecnologia, nas últimas décadas, tem alterado as relações de amizade entre crianças, pré-adolescentes e adolescentes, que outrora dialogavam mais fisicamente. Uma vez que o contato destes com aparelhos digitais e redes sociais intensifica-se cada vez mais rápido, emerge um novo foco de estudo de especialistas: o impacto do aumento das relações virtuais nas amizades dessas faixas etárias. Jeffrey G. Parker, um professor de psicologia da Universidade do Alabama, declara que a mais nova inquietação a respeito dessas interações entre jovens trata-se de conversas de cunho sexual e de *ciberbullying*.

Uma indagação levantada recentemente por pesquisadores aplica-se a compreender se, com uma maior exposição a redes sociais, as relações entre esses adolescentes são eficientes, ao deterem uma maior possibilidade de auxílio a seus amigos, ou estão sendo debilitadas devido a um vínculo emocional inferior. Embora seja precoce definir uma solução para essa pergunta e maiores investigações ainda sejam requeridas, os psicólogos e autores de um periódico, Kaveri Subrahmanyam e Patrícia M. Greenfield, informam que evidências preliminares demonstram que a maior interação virtual pode ter um peso sobre a menor disposição dos *teens* para o convívio social fora das redes.

Interpretações concretas sobre a comunicação digital entre crianças são muito relevantes, porque a amizade entre elas é primordial para o desenvolvimento de elementos fundamentais em relacionamentos adultos harmônicos e, por esta razão, não devem ser extintos; conforme dito por Parker. Além disso, pesquisadores preocupam-se e encontram-se em alerta em relação à diminuição de experiências vividas fora da Internet, que podem influenciar numa menor possibilidade de assimilação das emoções de outras pessoas.

Enquanto alguns estudiosos afirmam que essas amizades, por meio de alterações neurológicas, possam atenuar-se, outros defendem que ocorre o seu fortalecimento, em virtude de um maior

tempo que os jovens podem estar à disposição, posicionamento da autora de um livro pertinente ao assunto, Elizabeth Hartley-Brewer. Uma adolescente entrevistada confirmou o pensamento dela, declarando que cada vez mais consegue interagir com suas amigas de maneira virtual.

Aluna 4330 - Eduarda Freitas - Turma 901

Uma nova essência para as amizades?

O texto de Hilary Stout, publicado na Folha de São Paulo, em 10/05/2010, fala sobre a influência da tecnologia nas amizades. A autora afirmou que antigamente as crianças tinham mais momentos físicos juntas e que elas passavam horas na companhia dos amigos. No entanto, adolescentes e pré-adolescentes atuais têm amizades desenroladas em redes sociais.

Ressalta também que especialistas estudam um fenômeno profundo que é a possibilidade de a tecnologia estar modificando a essência das amizades infantis. Além disso, Jeffrey G. Parker, professor de psicologia, comentou que o fenômeno da tecnologia estar influenciando a proximidade das amizades é deixado em segundo plano perante assuntos que envolvem “ciberbullying” e “sexting”.

Outros dois psicólogos, Kaveri Subrahmanyam e Patrícia M. Greenfield, depuseram que observaram, através de evidências qualitativas, que facilitar comunicações eletrônicas pode fazer com que os adolescentes percam o interesse na comunicação cara a cara. Foi ressaltado também que as amizades físicas são muito importantes para fazer com que as crianças aprendam e se acostumem com relações fora do círculo familiar, além de poderem compartilhar suas emoções.

Um dos receios é que crianças e adolescentes modernos não vivenciem experiências de empatia. No entanto, há pessoas que acreditam que a tecnologia aproxima as crianças mais do que nunca, como Elizabeth Hartley-Brewer, autora do livro “Making Friends: A Guide to Understanding and Nurturing Your Child’s Friendships”. Para Hannah Kliot, de 15 anos, a comunicação virtual é importantíssima para se comunicar com as amigas, fazer planos e compartilhar coisas engraçadas.

Aluno 4341 - Messias - Turma 901

RESENHA

Originalidade, graça e lições

O livro *Pequenos delitos e outras crônicas*, de Walcyr Carrasco, retrata os desafios éticos e morais enfrentados pela sociedade, por meio de enredos totalmente originais, irônicos, atuais, tocantes e, muitas vezes, engraçados.

Tudo isso instiga o leitor, já que as histórias fazem com que todos nós, ao lermos os textos, consigamos nos imaginar nas situações apresentadas, diante de dilemas morais, como este: Será que devo devolver o troco errado que recebi? Ou até mesmo refletindo sobre a falta de troca de afeto em nosso dia a dia.

Entre muitas das excepcionais crônicas, a intitulada “Truque no assaltante” é uma das mais criativas e instigantes, visto que retrata comicamente a realidade de milhares de pessoas, em especial, as mulheres que sofrem ou já sofreram assaltos. A história gira em torno de Maria Adelaide, uma escritora que, por ser considerada frágil, era um alvo constante. Até que, usando sua imaginação, passa a distrair os assaltantes.

Outra crônica que também chama muito a atenção é “Meu pai, o homem que torcia por mim”, que aborda a relação de lealdade e companheirismo entre um filho e um pai. Retrata a velha história do genitor que deixa para trás seus sonhos, no intuito de prover o melhor para seus filhos. Essa história faz o leitor se emocionar.

Aluna 4795 - Ane Brito – Turma 103

Feedback de um leitor walcyniano

A obra de Walcyr Carrasco, *Pequenos delitos e outras crônicas*, tem a intencionalidade de aproximar o leitor da realidade, considerando fatos que muitas vezes não são notados ou observados no cotidiano. Isso ocorre de um modo bem humorístico, mas explora também sentimentos tristes e nostálgicos.

Reúne-se uma série de crônicas. Em algumas, existe a quebra de expectativa na conclusão, o que, para mim, torna o livro ainda mais excelente. As duas crônicas a que tive mais apreço foram “Truque no assaltante” e “O automóvel”.

Na primeira, foi bem interessante a forma divertida e criativa como o autor abordou o fato de pessoas se livrarem de assaltos com diálogos e/ou abordagens paralelas. Ao ler o primeiro parágrafo, percebi que nunca imaginei aquelas estratégias de escape para um possível assalto. Isso me divertiu e instigou ao mesmo tempo.

Da mesma forma, na segunda crônica, as trapalhadas de uma mãe ao dirigir um carro foram tratadas com um tom bem humorístico, pois cometia muitas confusões no volante. Chegou até a espantar o instrutor da autoescola com suas manobras erradas. Mesmo assim, conseguiu a carta de direção. Quando li o desfecho dessa crônica, me comovi com o estado emocional do narrador-personagem, pela mistura dos sentimentos de saudade, tristeza e nostalgia, ao contar os fatos envolvendo sua mãe.

A obra cumpre sua intenção por apresentar a nós, leitores, fatos do cotidiano de uma forma muito acessível e criativa.

Aluno 4793 - André Luz - Turma 101

O leitor presente nas histórias

Com uma bela dose de humor, em *Pequenos delitos e outras crônicas*, Walcyr Carrasco demonstra como pensamentos e sensações compartilhados entre nós podem ser representados em curtas histórias.

De leitura compreensiva, sutil e bem-humorada, essa obra conquista rapidamente a simpatia de quem a lê, explorando características e singularidades de nossas vidas que passam despercebidas por nós, pela correria do dia a dia. É fascinante o modo como os leitores podem se enxergar nas histórias. E, para mim, essa é uma marca registrada nas crônicas de Carrasco.

Também cito como ponto positivo a apresentação de diversas situações por que passamos, individuais e coletivas ao mesmo tempo, fruto de nossa maneira de viver na contemporaneidade. Por isso, tanto damos risadas quanto nos emocionamos, por nos enxergar na maioria delas.

Aconteceu comigo, logo ao terminar a leitura da primeira crônica, “O Tempo e a memória”. Lendo-a, lembrei velhas e verdadeiras amizades com quem ainda mantenho contato. Achei-me revivendo tudo em minha cabeça, na minha memória. Tantas pessoas, tantos laços, tantos momentos a serem lembrados...

Há os que dizem que tudo o que é bom dura pouco. Em minha perspectiva, porém, tudo o que é bom pode durar muito. Basta que queiramos. O tema da amizade, em especial, me ajudou a entender que, quando trazemos algo à memória, o fazemos porque estava guardado no coração.

Aluna 4841 - Beatriz Mayumi - Turma 102

Reflexões

A obra *Pequenos delitos e outras crônicas*, do consagrado autor Walcyr Carrasco, demonstra as ocorrências da vida cotidiana em uma metrópole, situações que nos cercam, mas que, em muitos casos, não notamos, ou até pensamentos que compartilhamos e que não foram postos em pauta.

Através de variadas e leves crônicas, com certa comicidade e ironia, o autor, de forma brilhante, apresenta temas da atualidade e certos comportamentos da sociedade brasileira. A forma rápida e surpreendente com que os fatos são tratados em cada texto desperta um grande entusiasmo no leitor, que cada vez mais se interessa por concluir a leitura. O livro aborda os mais diversos assuntos, sendo todos importantes, levando-nos a refletir sobre o que está sendo lido.

Duas crônicas chamaram a minha atenção e lembraram experiências que já vivenciei, sendo elas “Pequenos delitos” e “Em busca da paz”. A primeira discorre sobre pequenas infrações cometidas na rotina diária, que muitas pessoas acreditam não ter impacto social, porém, em um panorama geral, acabam por causar um grande dano aos valores éticos e morais da sociedade. No decorrer de minha vida, já presenciei muitas dessas situações, seja no supermercado, ao se comer um produto por que não pagou; no trânsito, com a ultrapassagem do sinal vermelho e a violação de placas; com a não devolução de uma quantia de dinheiro que foi dada como troco, erroneamente. Tudo isso gera um ciclo vicioso de deslealdade, que afeta todas as camadas sociais.

A segunda crônica retrata a vontade de “fugir” da conturbada vida urbana, em busca de um lugar mais tranquilo, seja por um curto período, como nas férias, ou se livrando totalmente da agonia das cidades. A maioria da população encontra essa paz e tranquilidade no meio rural. Depois de tanto tempo “sofrendo” com uma rotina estressante, ao provar a vida no campo, opta-se por viver num outro estilo de vida. Mesmo assim, a vida no campo também apresenta seus prós e contras, cabendo a cada um de nós escolher o melhor tipo de vida.

Na minha família, existe uma grande paixão pelo ambiente rural, já que meus pais nasceram no interior. Mas, hoje em dia, assim como o autor, todos preferimos que o momento de descanso seja somente nas férias, pois, em detrimento dos muitos problemas que enfrentamos, já nos adaptamos à vida urbana.

Aluno 4214 - Souza - Turma 104

CARTA

Salvador, 18/09/2020

Querida Del,

Estou escrevendo essa carta à senhora para compartilhar minhas opiniões, ideias e minha felicidade com a sua personagem na obra *Sequestro no cibernundo*.

Quando comecei a história, não imaginava que a senhora faria um desenvolvimento e teria uma importância tão grande no final feliz da trama. Iniciou o enredo como uma personagem, a meu ver, irrelevante e terminou como uma pessoa importantíssima para a resolução do conflito. Passou de uma "foca" a uma assistente de jornalista, para alguém que mostrou seu valor e provou ser uma grande profissional. Graças ao seu talento no ramo jornalístico, todo o mistério foi resolvido e a armação de WWW foi descoberta.

Conforme a história se passava, a senhora foi se tornando uma personagem mais recorrente até se tornar alguém essencial na narrativa. Percebeu na tela de seu monitor uma mensagem que, supostamente, seria do informante de seu chefe e correu para falar com ele, mas ele a ignorou e seguiu para o carro. Após receber outra mensagem enigmática, uma ideia surgiu em sua cabeça e a senhora desvendou todo o caso como a jornalista talentosa que é. Desde o momento que desvendou o crime, contou ao delegado o que havia descoberto (que passou a investigar a situação com mais afinco por sua causa), buscou mais informações com Madame Lídia, fez perguntas essenciais para o clone de Doutor Eurico Paranhos, até a situação final em que partiu com Indiana.Doc para buscar o pai do ciberego de Ícaro, a senhora mostrou ser uma personagem brilhante e essencial.

Gostaria de agradecê-la por ter sido uma personagem tão marcante. A senhora é extremamente talentosa e uma inspiração para muitas meninas que desejam seguir no ramo jornalístico. Saiba que ganhou uma nova fã e admiradora.

Grata pela atenção,
Áila.

Aluna 4908 - Áila Abreu - Turma 702

Salvador, 22/09/2020

Caríssima Del,

Escrevo-lhe essa carta para manifestar minha admiração após ler sua resolução exemplar no caso do livro *Sequestro no ciber mundo*, de Marco Túlio Costa.

Tenho que confessar que fiquei surpreso com a forma como você desvendou esse mistério. Para mim, como leitor, parecia impossível encontrar uma solução, e já estava começando a concordar com o delegado Scroll Lock Home, que a melhor coisa a se fazer era encerrar o caso. Porém, você surpreendeu a todos da história e a mim.

Admirei muito a sua intuição e persistência quando, mesmo o delegado encerrando o caso, você teve coragem para prosseguir. Um outro exemplo de determinação foi no momento em que, mesmo seu chefe te ignorando ao contar a ele sobre a mensagem que apareceu no monitor, você continuou buscando respostas, pois no fundo sabia que havia algo errado. A cada pequena ligação entre fatos e avanços na investigação eu ficava boquiaberto. Acho que, se eu estivesse no seu lugar, não teria a mesma perspicácia. Uma parte da história que refletiu isso foi logo que recebeu outra mensagem, você ligou todos os fatos e foi descobrindo toda a armação de WWW.

Você foi a personagem na história com a qual eu mais me identifiquei, justamente por essa curiosidade, essa vontade de descobrir os fatos. Enxerguei em você um enorme potencial também. Mesmo sendo subestimada durante toda a história, no final, conseguiu resolver o que nem um detetive profissional conseguiu e mostrou a todos que era capaz.

Depois dessa grande aventura, eu aconselho a você que continue persistindo nesse caminho de jornalista, pois, como já disse, demonstrou enorme maestria na resolução desse caso.

Por fim, gostaria de parabenizá-la mais uma vez e falar que você ganhou um grande admirador após a leitura desse livro.

Atenciosamente,
Mateus Cintra.

Aluno 4612 - Mateus Cintra - Turma 702

Salvador, 22/09/2020

Prezada foca Del!

Escrevo-lhe para demonstrar a minha imensa satisfação em conhecê-la, o que só foi possível através da minha leitura do livro *Sequestro no ciber mundo*.

Eu sou uma “extranetáquea” (acredito que o Indiana.Doc tenha lhe explicado o que exatamente somos nós) e estudo no Colégio Militar de Salvador, cursando o 7º ano. Assim, eu duvido muito que tenha sido a nossa civilização que criou vocês, os ciber-humanoides. Como seres que estão destruindo a sua própria casa, a Terra, extinguindo a sua natureza local que é a fonte das suas matérias-primas, lutando uns contra os outros em guerras sangrentas e conflitos intermináveis, poderiam ter criado algo tão magnífico como vocês do ciber mundo?

Voltando para sua incrível performance na história, eu gostaria de dizer que você foi simplesmente perfeita. Durante o decorrer dos níveis do livro, enquanto você ainda estava trabalhando ao lado do Efeum como foca, provou ser uma ótima jornalista. Você correu atrás de todas as informações necessárias para desvendar aquele sequestro de um jeito tão profissional, nem parecia ser uma foca, e sim um detetive renomado! A forma como você discretamente manipulou a funcionária da locadora para descobrir quantos quilômetros aquela limusine usada no sequestro fazia com um litro, os números do hodômetro antes do último aluguel e depois dele ser devolvido, e ainda conseguiu achar o motorista que levou a madame até o Hotel Fazenda, tudo foi incrível! O Efeum subestimou a maravilhosa foca que tinha.

A melhor parte mesmo foi quando Ícaro começou a lhe enviar indiretas sobre o caso que estava aparentemente “resolvido”, você deu importância àqueles e-mails e correu atrás de qualquer brecha que a investigação das autoridades poderia ter deixado passar. Pareceu até que você, naquele momento, tinha ligado a opção foca nível “hardcore”, porque você começou a encontrar pistas e a

desvendar o caso tão rapidamente que eu fiquei perplexa; a sua intuição jornalística e feminina é realmente muito aguçada!

Me arrisco a dizer que você, Del, é sem dúvidas a mais inteligente, astuta e importante da história. Sem as suas habilidades jornalísticas, o caso não teria sido resolvido e o Efeum sairia impune, e pior ainda, o Walter Wanderley Wolf continuaria usando o comando duplicador para dominar o mundo! Você é uma jornalista incrível, então, por favor, continue levando a verdade para o mundo!

De sua fã número um,

Louise Simões.

Aluna 4633 - Louise Simões - Turma 702

Salvador, 03 de setembro de 2020.

Caro Afonso Machado,

Eu sou Maria Fernanda Alves Silva dos Santos, tenho 13 anos, e sou de Salvador. Onde estudo, no Colégio Militar de Salvador, tive a imensurável oportunidade de ler seu livro *O Mestre dos Games* e, por meio dessa carta, venho demonstrar minhas impressões acerca dele.

O livro, inicialmente, aparenta ser cativante e nos levar a uma deliciosa aventura. Porém, alguns pontos do texto fizeram com que ele se tornasse confuso. Apesar da proposta de fazer uma relação entre o mundo virtual do “game” de Cláudio Renato e o mundo real, é justamente essa interação entre os dois universos que dificulta seu entendimento. No “game”, enquanto Cláudio era dado como desaparecido pelos policiais, diversos obstáculos foram apresentados ao jovem, mas não consegui relacioná-los em momento algum. O que significam as situações como a do avião ou a do bebê na praia? E como elas se entrelaçam com o sequestro do avô?

Acredito que uma melhor exploração do “videogame” dentro do enredo seria justamente trabalhar com situações do meio em que Cláudio se encontrava: fuga dos animais, a procura de alimentos e a sobrevivência na floresta; ao passo que ele buscar uma maneira de encontrar seu avô seria uma aventura e fases mais interessantes que as apresentadas. Na penúltima fase, Renato poderia ter se encontrado com o ‘Mestre dos Games’, para que este aparecesse no livro e fizesse jus ao título. Por fim, na última fase, Renato salvaria seu avô do tiro, como no livro, e todos terminariam felizes.

Muito obrigada pela atenção e pela escrita desse livro. Espero que haja muito mais obras suas e que, cada vez mais, estas melhorem e encantem outros jovens.

Atenciosamente,
Fernanda Alves.

Aluna 4618 - Fernanda Alves - Turma 701

Salvador, 03 de setembro de 2020.

Prezado Afonso Machado,

Eu sou estudante do Colégio Militar de Salvador e expresso aqui minhas satisfações, críticas e opiniões, ao ler, em dois dias, seu livro *O Mestre dos Games*.

Em minha leitura, confesso que fiquei um pouco decepcionado com parte do que eu li. Sou leitor e admirador de inúmeras obras e autores de assuntos que fazem parte da minha vida. Isso pode ter aumentado minhas expectativas e criado uma ideia predeterminada sobre essa obra em especial. Claro que, apesar disso, a narração teve pontos muito positivos.

No decorrer da história, não foi de meu agrado a troca da narração entre os personagens, enquanto eu avançava pelos capítulos. Ao final do capítulo 14, por exemplo, acho que o senhor poderia continuar falando sobre a entrada bruta do chefe dos bandidos no barraco. Minhas expectativas sobre o que ali iria ocorrer foram quebradas, deixando-me chateado ao ler o capítulo seguinte. Seguindo o raciocínio, achei a parte em que Cláudio Renato foi esmagado um tanto quanto desnecessária para o capítulo 15.

Em relação ao menino Cláudio Renato, eu gostei muito do personagem e penso até que me identifiquei um pouco com ele. Sua determinação, como quando se manteve resistindo a dormir na cama macia, de lençóis brancos e cheirinho de limpeza, para não perder o foco na missão, foram admiráveis. Por isso, identifiquei-me com o personagem principal. Sou também determinado, focado e não desisto facilmente das coisas. Além disso, gosto de “games” assim como o garoto.

Igual à grande maioria dos livros que li, foi uma leitura muito prazerosa. Como já disse, houve partes que ficaram a desejar, mas, além do personagem principal, eu gostei de coisas como o final feliz que se seguiu aos acontecimentos.

Agradeço por escrever esse livro, pois pude enriquecer positivamente meu repertório literário. Espero que continue

produzindo novas narrações para que eu e outros leitores possamos nos deleitar.

Atenciosamente,
Victor Hugo.

Aluno 4621 - Victor Hugo - Turma 701

Salvador, 03 de setembro de 2020.

Caríssimo Afonso Machado!

Quem lhe escreve é Luana da Silva Santos, tenho 12 anos, estudo no Colégio Militar de Salvador, atualmente curso o 7º ano do ensino fundamental.

Estou lhe escrevendo para expor as minhas impressões sobre a sua obra *O Mestre dos Games*. Confesso que, ao iniciar a leitura, estava muito entusiasmada com a história, que no início parecia ser interessante e de fácil entendimento, no entanto, no decorrer dos capítulos, a leitura ficou cansativa e complexa.

Para mim, a história começou a perder o sentido logo no primeiro capítulo, quando Cláudio Renato, o personagem principal da aventura, utiliza seu videogame para sair do carro, isso me deixou totalmente confusa porque, a partir desse momento, a realidade se misturou com o imaginário. Vale ressaltar também que a ideia do sequestro de Cláudio Renato e seu avô se confunde constantemente, levando o leitor a retornar várias vezes a capítulos anteriores para entender o que realmente estava acontecendo; somente no final é que comecei a entender a história.

Apesar das citações acima, faço aqui um elogio ao final do livro, quando o menino desobedece a ordem de seus pais para visitar o avô em sua chácara; embora não seja uma atitude correta, isso mostra o grande elo afetivo entre os dois.

Gostaria de sugerir que em sua próxima obra a sinopse realmente retrate a história a ser abordada, porque a desse livro induz o leitor a pensar que se trata de outra história e não a que foi contada, segundo meu entendimento. Espero, em outro momento, ter a oportunidade de ler outra obra sua e tirar a má impressão que tive ao ler esta. Ainda assim, agradeço imensamente por tê-la escrito e compartilhado conosco, pois sabemos o quanto é importante a prática da leitura para enriquecer nossos conhecimentos.

Atenciosamente,
Luana Santos.

Aluna 4659 - Luana Santos - Turma 701

Salvador, 22 de setembro de 2020.

Prezado Ícaro,

Escrevo-lhe para comentar sobre suas interessantes aventuras relacionadas ao “cibermundo”, retratadas na obra *Sequestro no cibermundo*, de Marco Túlio Costa. Sou Gabriel Araripe, tenho treze anos e achei corajoso e bondoso da sua parte ajudar Indiana.Doc. Não teria feito o mesmo. Se, de repente, aparecesse um atalho no meu computador, um estranho dissesse que é de outra civilização e me chamasse de “extranetáqueo”, nem pensaria duas vezes: iria desligar logo o aparelho.

Por sinal, eu lhe aconselho a não falar com estranhos. A internet pode ser um local perigoso. Atualmente, são comuns os casos de sequestro, roubo e pedofilia após usuários passarem informações pessoais para estranhos. Indiana.Doc e Dédalo, que era seu pai, tinham boas intenções, mas não temos como afirmar isso sempre. No seu chat preferido, percebi que forneceu informações pessoais que poderiam ter te prejudicado. Antes de descobrir que falava com seu pai, você notou que ele tinha um jeito mais adulto, pois usou uma palavra complexa. Eu teria saído da sala nesse momento. Aconselho a ter mais cuidado na internet para evitar problemas.

Gostei muito do seu aprendizado no final, o que também serviu de lição de vida para mim. A tecnologia está cada vez mais presente e acho legal jogar on-line, mas, em excesso, pode causar prejuízos à nossa saúde, convivência familiar e escolar. Você só se alimentava de sanduíches gordurosos e tirava notas baixas. A escola é muito importante. Sei que seu pai trabalha muito e sua mãe estuda, mesmo assim converse com eles. Aposto que consegue conciliar escola, família e internet. Algo que não entendi e achei bem curioso é o fato de você chamar sua professora de História do Brasil de Carlota Joaquina. Tem algum motivo específico?

Parabenizo você pela bondade em ajudar Indiana.Doc e pelo plano para desmascarar WWW. Inserir um vírus no comando duplicador, fingir a morte do aventureiro e descobrir se o advogado

estava vivo foram ideias esplêndidas. O melhor é que ninguém desconfiou que você tramava algo. Sendo tão experiente em informática, tente achar uma forma de ir para o ciber mundo. Seria um avanço para a humanidade! Mas o mais importante é que você percebeu o quão importante é a família.

Agradeço a atenção!
Gabriel Rolim Araripe.

Aluno 4634 - Araripe - Turma 702

Salvador, 21 de setembro de 2020.

Caro Ícaro,

Através desta venho lhe contar como me senti ao ver as tantas aventuras que você passou na história o *Sequestro no cibernundo*, de Marcos Túlio Costa.

Uns podem dizer que você passou por apenas um pequeno probleminha, mas eu tenho certeza de que você tinha bem mais desafios do que parecia. Você é um garoto persistente que luta pelo que quer e nem sempre acreditam em você. Mas por que todos acham que o certo é o que se conhece? Essa é uma pergunta que ficou martelando depois que eu vi suas aventuras.

O seu jeito de lidar com os problemas, mesmo sendo de um jeito um pouco “torto”, só mostra o quanto você é corajoso. E uma coisa que eu aprendi é que nada deve ser feito na impulsividade (mesmo muitas vezes eu não me lembrando disso) e que, antes de fazer qualquer coisa, nós devemos pensar, pelo menos um pouco.

Eu entendo o que você passa quando está na frente do computador ou do celular jogando. É chato quando dizem para a gente sair no meio da partida. Quando a mãe diz: “Roriz, sai desse jogo e vem tomar café logo se não vai ficar gelado”. E quando a gente responde que o jogo não pode ser interrompido, ficam reclamando com a gente. Contudo, outra vez, eu acho que nós dois temos o mesmo problema, e que devemos entender um pouco o lado da nossa família porque eles apenas se preocupam conosco.

O que eu achei mais louco em toda sua aventura foi a existência de um “cibernundo” dentro dos nossos computadores, dentro da nossa internet. Como foi que os “ciber-humanoides” surgiram, o que eles comem, como vivem, onde habitam. Esse mundo é muito louco mesmo. E o pior é que tudo isso é apenas mais um desafio para ultrapassarmos.

Nós ainda temos muito para viver e eu desejo muita sorte e juízo para nós dois. Tomara que nós não façamos nenhuma besteira até a nossa próxima troca de mensagens (que, por favor, seja pelo celular porque escrever carta demora muito) e que, se possível,

arranje uma nova aventura para eu me divertir lendo um pouquinho mais. Talvez o título possa ser: *O Instituto Pedro de cibercatástrofes*.

Atenciosamente,
Roriz.

Aluno 4611 - Roriz - Turma 702

Salvador, 21 de outubro de 2020.

Vaqueiro Manuelzão,

Conhecendo sua história de vida, não poderia deixar de escrever para o senhor. Antes de eu começar realmente o assunto do qual irei tratar nessa carta, gostaria de falar um pouco sobre mim. Meu nome é Miguilim, tenho oito anos e moro em uma cidadezinha no sertão de Minas que se chama Mutum. Vivo aqui com minha grande e problemática família: meus irmãos, minha mãe, meus cachorros e, até um tempo atrás, com o irmão do meu pai, tio Terêz. Este último, por causa de algumas questões familiares, foi morar nas proximidades da fazenda Samarra. Sempre quando pode, tio Terêz vem me visitar e foi em uma dessas visitas que ele me contou a história de um tal de Manuelzão, que é o senhor. Então, sei que pode estar se perguntando: “O que um menino, que nem viveu metade do que eu já vivi e que não teve metade das experiências que eu tive, gostaria de me ensinar com esta carta?”. Mas tenho certeza de que, mesmo com toda a minha inocência de criança, posso ajudá-lo a lidar com esse grande mistério que é a vida. Agora sim, posso começar definitivamente a escrever o que quero tratar nessa carta.

Apesar de eu ter apenas oito anos, e o senhor, sessenta, já passamos por muita coisa parecida. Com apenas oito anos de vida, eu já perdi minha cadelinha Pingo-de-Ouro, meu querido irmão Dito, meu pai Nhô Béro... Enfim, já tive muitas perdas na vida. Meu tio me contou que o senhor teve uma ampla trajetória de tribulações e que, atualmente, não se considera muito feliz, por se sentir sozinho, por não ter uma família por perto; por estar envelhecendo de uma forma tão rápida e repentina; por todas as dores que sente; por sua mãe ter falecido; pelo riacho de sua fazenda que secou. Sei o quanto tudo isso corta seu coração! Meus pêsames por tudo isso que aconteceu, mas gostaria que o senhor soubesse que a vida é exatamente assim! Com o avanço da idade, nos lembramos de todas as dificuldades e perdas que tivemos, porém, juntamente com tudo isso, devem vir também todos os momentos bons que passamos com nossos familiares e amigos!

Então, meu conselho, senhor Manuelzão, é o seguinte: se prenda às coisas boas da vida! Viva intensamente como se hoje fosse seu último dia. As dificuldades vão passar, e uma onda de alegria e felicidade virá pela frente, pois sempre, sempre, depois de uma tempestade, vem um arco-íris. No meu caso, por exemplo, apesar de todas as dificuldades por que passei, estou tendo a incrível oportunidade de ir morar em uma cidade para começar meus estudos, além de ter passado a enxergar não só as coisas ao meu redor, como também a vida com outros olhos, depois que descobri a minha miopia e comecei a usar óculos. Espero, esperançosamente, que, depois dessa carta, o senhor tenha a mesma meta de vida que eu, que tem a ver com uma frase que foi dita, poucos minutos antes de meu sábio irmão falecer: “A gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!”

Com muita satisfação e sinceridade,
Miguilim.

Aluna 4204 - Camila Baraúna - Turma 102

Salvador, 21 de outubro de 2020.

Caro Vaqueiro Manuelzão, sou eu, Miguilim.

Conhecendo sua história de vida, não poderia deixar de escrever-lhe essa carta, como reconhecimento dos momentos difíceis que tem passado em sua vida. Tive muitas experiências trágicas e sofri por um longo tempo. Posso assegurar-lhe que ainda enfrentarei muito mais. Assim como você, que perdeu a sua mãe, tive o desprazer de sentir a perda de meu irmão Dito, de minha cachorra Pingo-de-Ouro, além de meu pai, Nhô Béro. E, ainda assim, digo que vale a pena viver e ter expectativas, por mais difícil que a vida esteja.

A vida é complicada: passamos por experiências que nos fazem crescer, não em idade cronológica, mas sim em alma e mentalidade. Durante toda a minha infância, eu não enxerguei direito o mundo à minha volta, não entendia alguns comportamentos, procurava explicações e buscava o entendimento das situações; não compreendia muitas ações, não era capaz de entender a beleza das coisas. Até que, um dia, tudo mudou. Descobri que era míope e recebi uma proposta para estudar na cidade. No momento em que botei um par de lentes nos olhos, enxerguei o mundo, vi beleza em tudo e em todos. Nesse momento, amadureci. Então, Manuelzão, caro amigo, apesar de sua idade, não desista de continuar vivendo, não pare de enxergar, continue lutando e cultivando novas experiências.

Apesar das adversidades, o importante é continuarmos firmes e fortes e nunca perdermos a dádiva de poder compreender e visualizar a beleza da vida. De propósito em propósito, sempre encontrando uma luz para nos guiar em nossa próxima experiência e em nosso crescimento, como pessoas que enxergam. Sendo assim, depois de minhas palavras, espero que o tenha convencido de erguer a cabeça e seguir em frente. Com isso, encerro essa carta com muito amor, com alegria, na esperança de que você alcance os seus objetivos.

Até a próxima, meu camarada!
Seu amigo, Miguilim.

Aluna 4281 - Maria Eduarda - Turma 104

Salvador, 21 de outubro de 2020.

Amigo Manuelzão,

Conhecendo sua história de vida, não poderia deixar de mandar-lhe essa carta, na qual desejo, se me permite, lhe ensinar o que até agora sei sobre a vida. Assim, talvez, o senhor possa amolecer um pouco seu coração, duro como osso.

Nesses meus anos vividos, foram tirados de mim vários amigos. Primeiro, foi levada a minha Cuca Pingo-de-Ouro, por quem nutri esperanças de que pudesse voltar para mim; depois, perdi o Dito. Desejei fortemente, assim como pedia, que pudessem retornar ao nosso convívio. Mas estes anseios não foram atendidos. Chorei e sofri quando me separei de todos eles. Mas o que restou foram as lembranças, as conversas e os carinhos. Arrependo-me muito de algo: quando pude, não apreciei a linda face de meu irmão. Por isso, aconselho: enquanto o senhor pode, olhe seu filho e seus netos, transmita-lhes o amor que sente. Afinal, mesmo que tenha chegado a sua velhice, o tempo que vivemos é fugaz e, muito em breve, ele há de nos fazer sentir saudade, até daqueles a quem já juramos odiar. Acredito que esteja entendendo tudo o que digo, no que se refere à perda de sua querida mãe.

Gostaria, ainda, de lhe pedir que aproveite com mais afinco o fim da jornada de sua vivência. Sendo assim, aprecie as estórias que já viveu e as que escutou, como as do Seu Camilo. Além disso, meu velho, espero que seus olhos possam apreciar a beleza das paisagens e que, mesmo assim, seu coração possa ansiar por vistas mais belas. Eu sei bem como é isso, pois minhas esperanças serviram-me de consolo nos momentos mais difíceis. Então, da mesma forma que construiu a capela, nutra novos sonhos para que possa viver em mocidade, mesmo com mais de sessenta anos.

Despeço-me compartilhando a sapiência de meu amado irmão: fique mais alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que venha a acontecer. Ele sabia que, apesar da tristeza de conviver com certas situações, devemos nos regozijar, pois o fim pode ser encarado como um (re)começo.

Abraço,
Miguilim.

Aluno 4221 - Guttman - Turma 103

Salvador, 06 de novembro de 2020.

Menino Miguilim, sou eu, o vaqueiro Manuelzão.

Conhecendo sua história de vida, em especial, o momento em que passou a enxergar mais nitidamente o mundo, saindo da infância e entrando na fase adulta, não poderia deixar de comentar sobre as mudanças que ocorreram em sua vida, não esquecendo as que aconteceram comigo, é claro! Por isso escrevo essa carta, aconselhando-lhe que retorne a morar em Mutum, com sua mãe e irmãos, pois não quero que, no final da vida, você precise passar pelas “gasturas” que enfrentei e ainda enfrento.

Ame e viva em família, Miguilim! Sei que passou perrengues e muito sofrimento, como o falecimento do pobre Dito e a tragédia ocorrida com seu pai. Este que o amava, apesar daquele jeito duro e bruto de ser. No entanto, desejo que você entenda agora, na mocidade, que de nada na vida adiantam as conquistas, se não se viver junto a alguém que se ame, pois não há arrependimento maior, e digo isso por experiência própria, do que perceber que se está sozinho, sem receber o cuidado da família nem ter constituído uma nova.

Na falta de bons argumentos, contarei um “tiquim” de como foi para mim, a fim de que forme os seus próprios. Pois bem, acontece que passei minha vida toda “pelejando” e sempre certo do que fazia, mas agora me sinto meio “custoso”. Acho que faltou amor, como o de um filho e de uma esposa. E não há ninguém para cuidar de mim, para me aquecer quando estou “encarangado”, para ficar comigo quando for a minha hora. Logo eu que vivi dizendo que nunca me arrependia do que fazia, acabei me arrependendo do que não cheguei a fazer, e isso me deixou um enorme vazio.

Então, Miguilim, agora que você vê o mundo mais nítido e belo, por olhos mais maduros, espero que não considere “bobiça” as ideias desse velho, que passou a vida toda vendo o mundo como ele é, não conseguindo aproveitá-lo. E, no meio desse “bololô”, percebe o mundo ficando cada vez mais embaçado. Espero que faça escolhas sábias e que seja feliz em todas elas.

Esperançosamente,
Manuelzão.

P.S.: Não sente saudades de Nhanina? De seus irmãos? Do seu tio Terêz e de suas avós? Mande lembranças minhas, caso vá visitá-los.

Aluno 4213 - Damasceno - Turma 101

Salvador, 11 de março de 2020.

À redação da Revista Rio Pesquisa,

Após a leitura do artigo “A volta de um Rio que faz sonhar”, surgiu-me um questionamento: a quem se refere a cordialidade dita ser natural do brasileiro? Como a própria autora, Lená Menezes, escreve, agora que o Brasil se tornou atrativo não só como destino paradisíaco, é necessário entender que tal qualidade se refere, majoritariamente, a imigrantes que se enquadram no padrão caucasiano e rico.

Não é de hoje que o mito da receptividade é utilizado para atrair imigrantes selecionados; no período do ciclo do café, após a abolição da escravatura, o Brasil necessitava de mão-de-obra. Assim, foi fomentado, na época, o ideal de um país fértil, vasto e receptivo, propaganda que escondia, sob fatores econômicos, o plano eugenista e higienista de embranquecer a população brasileira. Africanos, em um país que lhes era estranho e ao qual foram trazidos contra sua vontade, ganharam, quando muito, uma liberdade sem que lhes fossem dados alicerces para viver – apenas sobreviver.

A mente do brasileiro, no entanto, não se livrou das mazelas que construiu no passado. Em um contexto globalizado, ainda vigora o desprezo por aqueles que, menos favorecidos, veem no Brasil a possibilidade de alavancar na vida, mesmo que esses, por serem nossos vizinhos, apresentem mais semelhanças a nós do que aqueles vindouros de outros continentes. Até mesmo em situações internas, reina a rivalidade – como se pode perceber no preconceito com nortistas e nordestinos – e faz com que seja preciso pensar para quem, se nem mesmo para nós, existe tal cordialidade.

Portanto, “o Rio de Janeiro continua lindo”, mas a população ainda necessita se conscientizar sobre se colocar no lugar alheio e criar empatia, identificando as semelhanças e compreendendo as diferenças. A cordialidade, além de superar seu estado mítico, precisa ser colocada em prática tanto para estrangeiros quanto para nós mesmos.

Atenciosamente,
Vitória Ferreira.

Aluna 3985 - Vitória Ferreira - Turma 303

DISSERTAÇÃO EXPOSITIVA E ARGUMENTATIVA

Dependência digital

Nessa atual era tecnológica, os jovens e adultos estão cada vez mais conectados. É difícil encontrar um jovem sem um telefone celular ou, até mesmo, fora das redes sociais. Essa conexão constante e fácil gerou uma relação de dependência digital nas pessoas que, muitas vezes, deixam de lado as relações interpessoais que deveriam ocorrer fora das redes.

Muitos passaram a preferir as conversas por mensagens às que são proferidas por fala e que têm contato visual, o que fez com que jovens e adultos parassem de interagir pessoalmente para interagir virtualmente. Quando ficam off-line, eles se sentem desconfortáveis, angustiados e incomunicáveis. O medo irracional de ficar desconectado é tão comum que houve a necessidade de criar uma nomenclatura para este sentimento: a nomofobia.

O aparelho celular, que antes era uma forma secundária de comunicação, se tornou algo indispensável. Essa necessidade de conexão vem atrapalhando as interações fora das redes sociais. Estudos apontam que há pessoas, principalmente jovens entre 17 e 21 anos, que consideram o celular uma necessidade básica e que o apego ao aparelho chega a ser maior que o apego pelos familiares, o que gera problemas de comunicação com os parentes.

A nomofobia, por ser um medo irracional, faz com que o nomofóbico, quando desconectado, sofra com problemas como ansiedade, pânico e tristeza. Apesar de acharmos que toda essa tecnologia com fácil acesso e comunicação nos aproxima, muitas vezes ela acaba nos afastando e dificultando nossas relações interpessoais fora das redes. Nos tornamos tão dependentes do telefone celular que situações como a nomofobia acabam se tornando comuns.

Aluna 4323 - Luísa Vilar - Turma 902

O reflexo do preconceito linguístico na sociedade

Assim como outros idiomas falados em países de diferentes continentes, o português do Brasil originou-se do latim e foi contemplado com os mais diversos dialetos presentes na conversação dos povos colonizadores e colonizados. Por consequência de suas origens históricas, a população de cada região do país apresenta suas próprias expressões e sotaques que, por vezes, são erroneamente julgados por aqueles que discriminam o próximo apenas pela forma como se comunica.

Ainda que não seja uma maneira plausível de justificar a grande taxa de brasileiros analfabetos, há quem diga que a Língua Portuguesa é uma das mais difíceis de se aprender devido às suas inúmeras variações e regras gramaticais. Aqueles que são agraciados com um ensino de alto nível, que lhes permite reter um vocabulário rebuscado, costumam ser mais bem-vistos pela sociedade, ao passo que a população menos favorecida é constantemente discriminada por não saber utilizar a forma padrão da língua.

É preciso que as pessoas privilegiadas, principalmente, compreendam que nem todos recebem as mesmas oportunidades no decorrer da vida e que alguns não aprendem na escola expressões linguísticas incomuns ao lugar em que vivem, o que impede cada indivíduo de ser julgado de modo igual ao outro. Infelizmente, é comum observar no Brasil casos de preconceito linguístico com aqueles que, por motivos de falta de condições ou necessidade de interromper os estudos, não têm acesso à educação de qualidade ou quaisquer outras fontes que seriam úteis no processo de aprendizagem.

O prejulgamento contra quem apresenta dificuldades na oralidade ou competência escritora, bem como rejeição sofrida por indivíduos que, de maneira vista como errada, utilizam expressões características de sua cultura regional, são práticas infelizes da humanidade que afeta negativamente aqueles que, ainda que anseiem muito por isso, não têm as mesmas oportunidades para aperfeiçoar seu desempenho no uso do idioma.

Ao observar a comunicação entre os falantes no dia a dia, percebe-se que nem mesmo os mais providos de conhecimentos fazem uso, ininterruptamente, da norma culta. Dessa forma, conclui-se que não é justo julgar as imperfeições alheias, fazendo-se necessário extinguir toda e qualquer forma de segregação por discriminação linguística. Só assim será possível reduzir a exclusão social e o preconceito acerca desse problema.

Aluna 4499 - Anna Gabriela - Turma 902

A sociedade brasileira e o preconceito linguístico

O preconceito linguístico tem como origem o ato de excluir, segregar ou diferenciar as pessoas com base nas diferenças linguísticas existentes na sociedade, assim considerando inferiores aqueles que não falam ou escrevem o idioma seguindo as normas cultas gramaticais. Tal ação ocorre, principalmente, com pessoas com um baixo nível de escolaridade, ou seja, que não tiveram o acesso à educação necessária para falar o idioma sem cometer erros. Esse preconceito não surgiu atualmente, podemos percebê-lo na Roma Antiga, onde existiam ‘dois idiomas’, o latim clássico, utilizado pela classe mais alta de Roma, e o latim vulgar, conhecido por ser mais simples, era falado pela população que não possuía acesso à educação.

A língua ou idioma de um povo se modifica ao longo do tempo, sofrendo fortes transformações ou até mesmo deixando de existir na forma original. Um exemplo comum é o latim vulgar (que substituiu o latim clássico ao longo do tempo) e, ao longo dos séculos, sofreu diversas modificações, originando outros idiomas (italiano, francês, espanhol e o português). O próprio idioma oficial falado no Brasil é originário do idioma de Portugal, mas sofreu diversas alterações ao longo dos séculos de convivência dos povos no país. Pode-se constatar que a língua se modifica por meio dos falantes, assim, quem mantém o idioma ‘vivo’ são as pessoas que fazem uso dele.

O preconceito linguístico contribui para mostrar o nível de desigualdade social no Brasil, gerando uma espécie de ‘xenofobia regional’. Podemos ver isso, claramente, no modo como pessoas de áreas urbanas, que geralmente possuem maior nível de escolarização e poder aquisitivo, tratam aqueles provenientes das áreas rurais, que não tiveram o mesmo acesso à educação e são de origem mais humilde. O indivíduo que sofre tal tipo de preconceito tende a desenvolver problemas para socializar e construir relações, além de dificultar sua vida profissional ou acadêmica.

Constatando-se o fato de a língua ser dinâmica, ou seja, ela sofrer mudanças conforme o passar do tempo, podemos concluir que o preconceito linguístico é algo incoerente e que, assim como

todo preconceito que gera problemas para uma parte da população, deve ser combatido. Tal combate pode ser feito por meio de políticas públicas focadas em aumentar o acesso da população ao ensino e realizar mudanças na grade curricular, especificamente nos primeiros anos de aprendizagem do idioma, a fim de trabalhar de forma construtiva com as diferenças existentes nas variações linguísticas através da demonstração de como o idioma se transforma com o tempo e de que os protagonistas dessa transformação são os próprios falantes.

Aluno 4320 - Ryan - Turma 902

Inteligência Artificial: cuidados com essa realidade

É fato que a Inteligência Artificial (IA) vem se tornando cada vez mais uma realidade. Todos os dias, em algum lugar do mundo, explora-se a tecnologia, desbravando-se novos horizontes, inclusive, dando vida a seres artificialmente manipulados (os robôs). É apenas uma questão de tempo para que a maioria das atividades humanas sejam substituídas pela robótica à base de códigos e de um corpo feito de metal e parafusos. Mas, cuidados são necessários.

A IA está presente nas mínimas coisas do dia a dia: carros que dirigem sozinhos, corretor ortográfico presente nos celulares, sistema GPS, reconhecimento facial, assistente de voz etc. Há até pessoas que se casam com um robô e afirmam que vivem uma vida feliz com seu “cônjuge”. Tudo isso é ação que a tecnologia conseguiu conquistar com seu avanço. Como é mostrado na Série televisiva “The 100”, a personagem Alie (uma IA) consegue curar dores e apagar e reunir memórias humanas. Quanto tempo levará até que isso deixe de ser apenas ficção de cinema e se torne uma realidade? Embora a Inteligência Artificial traga muitos benefícios, há também muitos malefícios. Essa nova realidade pode gerar desemprego e crise econômica, pois a manutenção de máquinas demanda, além de mão de obra qualificada, recursos financeiros. Ademais, a produção de tantas máquinas gera poluição e desgaste da camada de ozônio.

Logo, é necessário que os profissionais que trabalham em empresas voltadas ao desenvolvimento de tecnologias tenham cautela para que a atividade laboral humana não seja completamente substituída por robôs ou, até mesmo, que os próprios homens se tornem seres artificialmente manipulados.

Aluna 4413 - Emily Marques - Turma 102

Conhecimento e adaptação

Um dos grandes avanços tecnológicos da humanidade, a Inteligência Artificial, encontra-se presente cada vez mais em nossas vidas e está gerando um grande impacto no futuro de nosso planeta. Essa tecnologia é capaz de formar dispositivos, a princípio *softwares*, que reproduzem habilidades semelhantes às dos seres humanos, como analisar, raciocinar, apresentar respostas e determinar escolhas. Entretanto, é preciso ter cuidados com essa realidade.

Ela é de extrema importância em nosso cotidiano, por realizar configuração de programas, tarefas, coleta de dados, cálculos e soluções para as necessidades pessoais de cada indivíduo. Porém, essa inovação nos acarreta desafios, visto que a Inteligência Artificial está apta a cumprir atividades de forma muito mais rápida que nós, seres humanos. Com isso, ela substitui o trabalho de um indivíduo, por ser mais eficiente, ocasionando a perda de um grande número de empregos.

Outro problema, como foi explicado no documentário da Netflix “O dilema das redes”, é o controverso papel que a tecnologia exerce em nossa sociedade como um todo. Isso porque, além de ter amplo acesso a nossas informações, descobrindo até o que nos é de interesse e como se encontra o nosso estado emocional, também pode manipular a opinião de milhões de pessoas.

Assim, o crescente desenvolvimento da Inteligência Artificial nos oferece tanto benefícios quanto consequências negativas, principalmente quando se trata da relação de um ser humano com um robô. É possível nos adaptarmos a essa realidade, se entendermos melhor como essa inovação funciona e as soluções que nos pode trazer.

Aluna 4553 - Cristine - Turma 103

Cuidados e mudanças

Máquinas automatizadas, funcionários robôs, mentes movidas a fios, no contexto social vigente, são tipos de inteligências artificiais que estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Nesse cenário, cuidados devem ser tomados para garantir que os indivíduos se adaptem à nova realidade. Além disso, o acesso às novas tecnologias deveria estar disponível a todos.

O renomado biólogo Charles Darwin afirma em sua obra *A teoria das espécies* que a adaptação de um ser ao meio é imprescindível para sua sobrevivência. No campo das tecnologias, é imperativo que o ser humano se adapte à chegada veloz de um turbilhão de novas invenções que podem, muitas vezes, ultrapassar os talentos humanos naturais.

Lamentavelmente, a chegada das novas tecnologias tem acarretado, por exemplo, o desemprego de muitos indivíduos, já que as máquinas realizam algumas funções com uma maior eficiência e em menos tempo. Sob esse ponto de vista, num jogo de xadrez, uma máquina já é capaz de derrotar os grandes mestres mundiais, sendo necessário que caminhos sejam trilhados a fim de tornar a inteligência humana capaz de desvendar meios para não ser substituída.

O professor e palestrante Mário Sérgio Cortella defende a ideia de ser essencial transbordar, ou seja, ir além das bordas. Em concordância, vemos a necessidade de o acesso às tecnologias ultrapassar obstáculos, sobretudo, econômicos, para que esteja acessível a toda a população. É lastimável a realidade atual, em que, devido ao alto custo de algumas máquinas, a aquisição se restringe em grande parte a elites e países desenvolvidos. Nesse sentido, há uma nefasta exclusão tecnológica a que são submetidos muitos indivíduos de baixa renda. Urge, portanto, uma busca incessante pela democratização tecnológica.

Tendo em vista toda essa desigualdade, é necessário haver mudanças. Para isso, ações governamentais como a garantia do acesso e a capacitação profissional para lidar com as tecnologias são imprescindíveis, a fim de que os cidadãos, adaptados ao novo

cenário, sejam capacitados para, no mínimo, dominarem mecanismos de interação com as chamadas inteligências artificiais.

Aluno 4208 - Barros - Turma 104

Uma pergunta

O tema da tecnologia, em especial, o da Inteligência Artificial, costuma ser cercado de dúvidas, discordâncias e receios. Em muitos filmes de ficção que o abordam - óbvio que, com um certo exagero - , geralmente é trazida a ideia de um mundo devastado por máquinas malignas e rebeldes, robôs que arruínam a raça humana. Entretanto, a questão não é o quanto as máquinas podem ser letais, mas sim, qual seria o limite diante das inovações tecnológicas.

Inicialmente, deve-se ter em vista que toda invenção humana - seja eletrônica ou de qualquer outra vertente - provém de alguma necessidade. Por exemplos, o carro, originado de uma demanda de deslocamento para longas distâncias, e as armas de fogo, provenientes da necessidade de autodefesa do indivíduo. O ponto a ser abordado é que a tecnologia raramente virá com o objetivo de dificultar a vida humana. Ao contrário, vem para facilitar. Nesse ínterim, a reflexão a ser feita é: até que ponto uma facilidade tecnológica é benéfica. Este é o foco da reflexão que ora foi suscitada, principalmente sobre a IA. Vale salientar que, como o próprio nome já sugere, de alguma forma, ela substitui a inteligência humana. Não que isso seja de todo mal. Até porque os computadores não estão sujeitos a distrações, nem a enganos, como o ser humano, por exemplo.

Em contrapartida, as máquinas não possuem pensamento crítico, nem são programadas para a flexibilidade, muito menos são sensíveis, emocionalmente, como o ser humano. Então, retornando ao ponto de partida, a pergunta que se faz é: haverá um limite nessa relação entre a IA e o ser humano?

Aluno 4789 - Cavalcante - Turma 101

Justiça para todos

Justiça é a qualidade daquilo que está em consonância com o que é considerado direito pela sociedade, sendo a ideia do que é justo diferente para cada indivíduo. Consequentemente, o que se chama de justiça social também é relativo. Porém, em termos gerais, é a estrutura sociopolítica que tem como pilares a garantia dos direitos e a igualdade de oportunidades, mas atingi-la tem se tornado um grande desafio. Por conseguinte, é de fundamental importância a garantia da justiça social a todos os indivíduos e, para tal, é vital entender seus desafios e possíveis caminhos nos âmbitos socioeconômico e político no nosso país.

Quando se fala da estrutura socioeconômica do Brasil, é inevitável falar sobre a disparidade social, que é a principal responsável pela perpetuação das injustiças, pois indivíduos que vivem em realidades diferentes não estão em condições iguais para buscar um mesmo objetivo. Assim, tratar esses indivíduos como se estivessem com as mesmas oportunidades para alcançar algo é uma injustiça social, além de ser extremamente imprudente e apenas reforçar a ideia mítica da meritocracia. Tratar sobre justiça social é falar sobre privilégios, assim como também é buscar remediar essas situações para que todos tenham iguais oportunidades de acesso a quaisquer espaços que sejam.

Outro aspecto importante a ser analisado quando se pensa em justiça social é a política. Embora a desigualdade social seja um fator determinante para a perpetuação das injustiças, a falta de ação política efetiva agrava ainda mais esses problemas, pois, como instituição, o Estado é obrigado a assegurar iguais condições de acesso a espaços e oportunidades aos cidadãos em geral, ou, caso isso não seja possível, remediar as causas das injustiças sociais para, no mínimo, atenuá-las. Sendo assim, políticas públicas que apenas estagnam a situação e não propõem mudanças de fato são políticas irresponsáveis.

É necessária, então, a busca da justiça para todos, de modo que quaisquer indivíduos tenham condições justas e igualitárias de acessar os espaços que queiram. Para tal, é de responsabilidade dos

governos, em âmbitos municipal, estadual e federal, estabelecer pacotes de políticas públicas de reparação, como é o caso das cotas, para que todos possam viver em melhores condições e acessar uma sociedade mais justa.

Aluno 4057 - Sena - Turma 201

Estruturas que impossibilitam a balança da Justiça

A justiça social está conectada com a igualdade de direitos e deveres para todos. Há diversas discussões polêmicas acerca desse tema, contudo não é possível haver justiça social verdadeira em um sistema que se baseia na relação de exploradores e explorados, criando desafios, como a desigualdade social, para que se possa atingi-la.

Uma das características básicas do sistema capitalista é a maximização de lucros, os quais são conquistados por meio da diminuição dos custos do trabalho, ou seja, menor salário para o trabalhador e mais tempo de produção, que é a própria exploração do proletário. A lógica da acumulação de lucros é contrária à ideia de justiça social, pois o empregado torna-se cada vez mais pobre, à medida que deixa o seu patrão cada vez mais rico, aumentando, portanto, a desigualdade social.

São esses abismos da sociedade o maior desafio para se alcançar uma equidade de direitos e deveres. Os bilionários do mundo, que eram pouco mais de duas mil pessoas no ano de 2019, detinham mais riqueza do que 60% da população mundial, segundo estudo da ONG Oxfam. Outro estudo, este do Censo Agropecuário, em 2017, mostra que 1% das propriedades agrícolas ocupam 47,6% da área rural brasileira. As concentrações de riquezas e terras nas mãos de poucas famílias deixam tantas outras à margem da sociedade, as quais, muitas vezes, dominadas pela fome que a pobreza causa, optam pelo universo criminoso para conseguir sobreviver. Enquanto uns preocupam-se mais em estudar, outros preocupam-se mais em conseguir comer. Por isso, colocar esses indivíduos atrás de grades, e não modificar a condição de vida deles, não é “fazer justiça”: é criar uma mentira de combate ao crime, quando deveria combater, também, a sua verdadeira causa.

O caminho para alcançar a justiça social, portanto, é modificar as estruturas que têm como consequência a desigualdade no mundo. Faz-se necessária a implementação de políticas públicas, por parte das estruturas governamentais, como reforma agrária, distribuição de renda, garantia de educação e saúde públicas para

todos e o fim da exploração do trabalho. Haverá, então, uma sociedade mais justa, onde se possa falar de virtudes, direitos e deveres iguais.

Aluna 4589 - Beatriz Valadares - Turma 203

Reflexos da desigualdade

Na Roma antiga, no Antigo Regime ou até mesmo no decorrer de toda a Idade Média, os indivíduos foram segregados em estamentos, castas ou classes seguindo critérios distintos dentro dos respectivos corpos sociais. Devido aos reflexos da história na sociedade contemporânea, a implementação da justiça social, embora sendo imprescindível para a existência de uma comunidade harmônica, enfrenta desafios na sua concretização, como a desigualdade de renda e o racismo, intrínsecos desde a formação e consolidação dos grupos sociais até os dias atuais.

Ainda que a desigualdade de renda não seja o único fator que impeça a plenitude da justiça social, seus reflexos coíbem que todos os indivíduos exerçam seus direitos de forma equânime, através da oferta díspar de oportunidades entre ricos e pobres. Um exemplo é o acesso à educação de qualidade, restrita àqueles com maior poder aquisitivo, capazes de custear instituições de ensino privadas e cursinhos pré-vestibulares. Infelizmente os ensinos fundamental e médio brasileiros são precários, e por isso, jovens de famílias mais carentes ficam para trás na corrida de processos seletivos para universidades.

Além disso, no período pós abolição da escravatura, os negros não puderam contar com a inserção na sociedade, foram marginalizados e excluídos de qualquer suporte para uma vida digna. As correntes da escravidão pesam até hoje para essa população que sofre com a discriminação e a escassez de oportunidades. No panorama moderno, os negros são uma reduzida minoria das pessoas na parte mais alta da hierarquia social, bem como nas turmas formandas das universidades ou nos cargos públicos, enquanto nas penitenciárias, é a raça predominante.

Diante dos aspectos supracitados, conclui-se que ainda existem desafios para a implementação da justiça social, e que esta não se equivale à igualdade. É necessária a adaptação dos mecanismos para a situação de cada indivíduo. A união do governo e comunidade é essencial para garantir uma sociedade mais justa. A defesa e a manutenção de cotas raciais e de renda para a população

destituída de privilégios, tal como programas sociais, como o auxílio emergencial nesse cenário pandêmico; investimentos na educação e conscientização da população de que a meritocracia não é tão real quanto parece, podem ser caminhos a se seguir.

Aluna 4053 - Rebeca Oliveira - Turma 203

A chave para a igualdade

Segundo o pensamento aristocrático, a base da sociedade é a justiça. Tal premissa é de plena coerência. Infelizmente, a sociedade brasileira encontra-se incoerente. Os quesitos que comprovam esse cenário são inúmeros, mas a justiça social é um disparate que precisa ser reavaliado. Muitos costumam confundir os significados de igualdade e equidade, o que é responsável pelo conformismo de uma parcela da população.

A justiça social é compreendida como um conjunto de deveres e direitos que são iguais a todos os cidadãos, tais como saúde, educação, trabalho e manifestação cultural. No entanto, as camadas de baixa renda no Brasil são submetidas a péssimas condições de moradia, os jovens não têm uma educação digna e é lamentável o estado da saúde pública. Há quem contraponha esse posicionamento, mostrando os programas efetivos do governo para os menos favorecidos, projetos como: Minha Casa Minha Vida, SUS, Bolsa Família e cotas são os mais comentados. De fato, são excelentes propostas, no entanto, mal executadas. A título de exemplo, os hospitais públicos são uma verdadeira calamidade social, nos quais são necessários meses para um atendimento, e quando acontece, é de má qualidade.

Há uma linha tênue entre equidade e igualdade. Enquanto esta significa dar às pessoas as mesmas oportunidades, aquela significa adaptar as oportunidades deixando-as justas. Trazendo à tona, quer dizer que o Brasil está bem distante de ter uma equidade social. Ilustrando esse contexto, há uma oportunidade para os desfavorecidos de estudar em escolas públicas, porém, o ensino da maioria dessas escolas é de baixa qualidade quando comparado às instituições privadas. Nesse espelho, estão transparentes os conceitos citados, ao explicitar que primeiro é necessária uma equidade, e só assim haverá a igualdade entre os cidadãos.

O Brasil terá uma longa jornada para a perfeita execução da justiça social. Impossível, não é. Mas faz-se imprescindível um grande empenho por parte do governo e iniciativa das altas classes para dar suporte aos que carecem de ajuda. Não é preciso, e nem

aconselhável, encerrar os incentivos públicos, mas sim ajustá-los e controlá-los para que sejam realmente executados da forma ideal. Isso se dá por meio de fiscalização mantida pelo governo e de criação de associações (bancadas por iniciativa privada) para a manutenção de escolas mais carentes. Essa é uma tarefa que necessita de honestidade, patriotismo, e, acima de tudo, empatia.

Aluna 4058 - Victória Teixeira - Turma 203

A importância da inclusão social na escola

A inclusão social é um processo desafiador que conta com a participação da família e da escola para o pleno desenvolvimento das pessoas com necessidades especiais. Nesse sentido, o Colégio Militar de Salvador, por intermédio da Seção de Atendimento Educacional Especializado, realiza o Projeto de Educação Inclusiva, promovendo oportunidades educacionais que abrem portas para o futuro desses jovens.

No ambiente escolar, o aluno da educação especial inclusiva recebe uma educação de qualidade e adequada, tem acesso a um acompanhamento pedagógico diferenciado e participa de atividades variadas junto aos demais alunos. Além de ter a oportunidade de evoluir na área pedagógica, ele desenvolve suas habilidades cognitivas e motoras por intermédio da socialização e, conseqüentemente, se sente acolhido pelos seus colegas.

Por outro lado, o aluno que se envolve no processo de inclusão, auxiliando o colega da educação especial a se adaptar e a evoluir, desenvolve valores fundamentais, tais como solidariedade, camaradagem, espírito de corpo, iniciativa e, acima de tudo, respeito às diferenças.

Portanto, a inclusão social resulta em inúmeros benefícios para todos, contribuindo com o amplo desenvolvimento dos alunos e promovendo o bem estar social e emocional. Para permanecer fornecendo a colaboração necessária e promovendo oportunidades aos estudantes, o nobre cadinho continuará enfrentando os desafios quanto à acessibilidade e à conscientização dos alunos acerca da importância de apoiar e de tratar seu colega com igualdade. A cooperação é a chave para a superação dos desafios.

Aluna 4250 - Gabrielly Rosa - Turma 204

O ato de escrever em “brasileiro”

A Língua Portuguesa, ao longo de seu desenvolvimento, englobou diversas discussões acerca de um tópico de extrema importância, o qual é debatido até hoje: a valorização da identidade nacional na escrita. Com o passar dos anos, conforme a literatura ganhava espaço na sociedade brasileira, algo bastante perceptível foi a subordinação de nossa escrita a padrões estéticos europeus, o que foi defendido por alguns movimentos literários. Entretanto, é essencial combater tal imposição de regras e padrões, propiciando a manutenção das raízes nacionais, um dos bens mais expressivos, o qual deve ser preservado.

Segundo Marcos Bagno em “Deixem eu ser brasileiro”, a língua “brasileira” é “a única capaz de expressar sentimentos, emoções, ideias”, fato que pode ser percebido facilmente. Ao longo de toda sua formação e de seu cotidiano, o povo brasileiro, mesmo com tantas regras gramaticais que lhe são impostas, convive com a língua essencialmente “brasileira”, a qual não se prende de forma absoluta a normas, aprendendo a se expressar com base nela. Assim, eliminar essas características da língua nacional em troca de algo “erudito” e “elegante” mostra ser algo ilógico.

Tal questão chegou a ser tratada, inclusive, por grandes escritores, como os adeptos do Modernismo. Em “Pronominais”, por exemplo, Oswald de Andrade opõe a expressão “Dê-me um cigarro”, aparentemente mais elegante e culta, a “Me dá um cigarro”, representante da língua “brasileira”, do “bom negro” e do “bom branco”. Além disso, em seu “Prefácio Interessantíssimo”, Mário de Andrade esclarece sua intenção de trazer para nossa literatura o ato de “escrever brasileiro”. Assim, fica evidente a preocupação em preservar a identidade nacional na literatura.

Destarte, é de extrema importância assegurar a preservação da língua “brasileira”, a qual melhor representa o povo brasileiro, nos textos em geral. Para tal, é preciso introduzir no processo de formação dos jovens a relevância e a expressividade de nossa língua. Além disso, os próprios escritores devem ter consciência de tal fato,

escrevendo obras que nos tirem, de uma vez, do aprisionamento estético europeu.

Aluno 4133 - Gustavo Oliveira - Turma 302

Querido Português, usar-te-ei como eu quiser

“Última flor do lácio, inculta e bela”. Assim o escritor Olavo Bilac descreveu a Língua Portuguesa, com todos os rebuscados e formalidades que o Parnasianismo o dava por direito. Mal sabia o poeta carioca que seu tão admirado jardim linguístico mudaria tanto, afinal, o que é a língua senão um instrumento de identidade e expressividade nacional?

A língua é viva, ela vive em quem se utiliza dela e, por isso, está em constante transformação, acompanhando as mudanças na sociedade. Com o “Português do Brasil” não é diferente, o que foi comprovado por Oswald de Andrade, autor modernista, em seu poema “Pronominais”, quando ele diz: “Dê-me um cigarro [...] Deixa disso camarada/ Me dá um cigarro”. Dessa forma, ele enfatizou que já era tarde, pois a nação brasileira já se expressava de maneira distinta.

O próprio Modernismo foi em si uma revolução da linguagem, um apelo brasileiro para ter sua identidade nacional, para que o idioma se tornasse pertencimento, expressando o povo tal qual ele é, com todas as suas “marcas de oralidade” e afins. Entretanto, ainda há os que insistem em cortar as asas da língua e a prenderem na gaiola “norma culta padrão”, recorrendo a correções gramaticais que não condizem com a nova realidade social. É o caso da “jurássica mesóclise”, por exemplo, como disse Marcos Bagno em seu texto “Deixem eu ser brasileiro”.

Portanto, como afirmaram Marcos Bagno, Oswald de Andrade e tantos outros, assim como resumiu Mario de Andrade no seu “Prefácio interessantíssimo”: “escrevo brasileiro”. É preciso adequar a língua, e não a prender, ela precisa ser libertação!

Aluna 3978 - Sarah Alves - Turma 302

A bola de neve do mercado de trabalho

No século XVIII, o advento da Revolução Industrial iniciou o processo de mudança na maneira como se encara a força de trabalho humana. Essa potencialidade funcional, que antes era peça básica do processo produtivo, passou a ser apenas uma mercadoria vendida aos donos dos meios de produção. Até o presente momento, o trabalhador humano tem seu emprego salvaguardado pelas suas competências éticas e sensíveis, exclusivas ao *Homo sapiens*. Contudo, a contemporaneidade aponta para um desenvolvimento tecnológico sem precedentes, o qual configura ameaça iminente à atuação humana nos desdobramentos das atividades econômicas. Com isso, emergem aos tópicos de discussão os desafios do mercado de trabalho para o ser humano no século XXI, dentre os quais é possível destacar: a tendência à inutilidade e a acentuação dos preconceitos e das desigualdades no mundo globalizado.

Em uma primeira análise, observa-se a nocividade dos avanços técnico-científicos como substitutos da força humana de trabalho, a qual tende cada vez mais à inutilidade. O mundo viu algo parecido acontecer no século XX, com a mecanização do campo e os sucessivos êxodos rurais. Todavia, com o espaço rural já ocupado, para onde a mecanização total das cidades conduziria a população? Uma resposta para tal questionamento está inserida em dimensões psicológicas. A tomada crescente do processo produtivo pelos aparatos tecnológicos vem obrigando os meros mortais a se reinventarem a fim de manterem uma renda subsistente. Porém, essas adaptações consecutivas - muitas vezes mudanças radicais - demandam alto gasto energético psicomotor. Assim, a substituição do homem pelo robô nos processos econômicos acaba por gerar indivíduos inseguros, exaustos e disfóricos frente a um mercado que tende a excluí-los.

Concomitantemente, é fundamental apontar para o impulsionamento dos preconceitos e das desigualdades no mundo globalizado, conforme explica o geógrafo brasileiro Milton Santos, na *Geografia Crítica*. Complementar à obsolescência da força produtiva humana, tem-se as dificuldades impostas pela discriminação das

diversas minorias existentes - grupos étnico-raciais, mulheres, idosos. Logo, se a humanidade como um todo já é forçada a se adaptar ao avanço maquinário, para esses indivíduos que sofrem com a negação da sociedade apenas por existirem, o desafio é exponencialmente maior e mais cruel, conduzindo essas camadas sociais à marginalização e ao subemprego. Nos dias de hoje, manifestações exemplares dessa realidade podem ser observadas nas políticas antissemitas adotadas pelo governo polonês e na postura racista aderida por entidades burocráticas por todo o mundo ocidental, desde os isolacionistas europeus até os simpatizantes do nazifascismo nas Américas.

Dado o exposto, conclui-se que a humanidade tem um longo e árduo embate pela frente. As dificuldades do mercado de trabalho na pós-modernidade se acumulam e formam uma espessa bola de neve, a qual já começa a rolar sobre os indivíduos. Contudo, tal problemática apresenta possibilidades ínfimas de ser tratada apenas na individualidade, o que torna necessário a atuação do Estado enquanto responsável pela manutenção da ordem social. Através do alcance e poderio de sua jurisdição, a força estatal deve agir para neutralizar a destrutividade do desemprego, o que poderia ser feito através da ordem de implante tecnológico de maneira gradual na economia, bem como do auxílio psíquico e financeiro à população e do estabelecimento de políticas mais incisivas no combate à discriminação. Com isso, a sociedade contaria com melhores alicerces para atenuar os impactos das barreiras erguidas sobre o espectro laboral, impulsionando também o desenvolvimento humano.

Aluna 3973 - Yasmin Sá - Turma 304

O anzol da liberdade

A Big Data descreve um sistema de inteligência com alta velocidade e capacidade de armazenar, capturar e gerenciar dados e informações do usuário. Dessa forma, essa tecnologia pode ser baseada nos chamados 5 V's: volume, velocidade, variedade, veracidade e valor. Portanto, a Tecnologia da Informação (TI) tem a satisfação, por meio da Big Data e dos algoritmos, de conhecer os gostos e desgostos de cada indivíduo e, aproveitando-se disso, consegue induzir o que será visto e aprendido por cada pessoa ao acessar determinada plataforma. Contudo, essa problemática, que se transformou numa grande ameaça à liberdade, tem como intensificador os aspectos educacionais e econômicos contemporâneos.

Prioritariamente, é necessário analisar as causas educacionais desse processo. Sendo assim, segundo o filósofo suíço, Jean Piaget, uma boa educação é fundamental para o desenvolvimento de uma mente crítica e questionadora. Porém, a realidade brasileira, na qual muitos jovens não têm acesso à educação de qualidade, deixa perceptível a falta de investimentos nessa área, sendo responsável por uma formação tecnicista de indivíduos cada vez menos críticos e indagadores que se enganam com a ilusão de uma liberdade de escolha, quando na verdade a internet está usufruindo da vulnerabilidade do cidadão.

Em segundo plano, vale ressaltar os fatores econômicos associados, principalmente, às empresas que se beneficiam às custas da alienação da sociedade. Por isso, analisando o sistema capitalista vigente e o incentivo ao consumo em massa, o cliente tende a acreditar que está usufruindo de algo diferenciado e personalizado, no entanto, a tecnologia agregada à mercadoria acaba se tornando uma fonte constante de manipulação tendenciosa do produto oferecido ao usuário que, paulatinamente, vai alimentando e gerando lucro às instituições ambiciosas.

Logo, visando a mitigar as causas educacionais e econômicas do fenômeno discutido, é crucial a ação do MEC, nas redes de ensino, por meio de palestras e propaganda, para uma educação tecnológica

dos estudantes, voltada para a checagem de dados e informações, estabelecendo, assim, a formação de um senso crítico no aluno, colocando, por isso, em prática um ideal defendido pelo filósofo Immanuel Kant - “O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele”. Por conseguinte, seguindo esse critério, os jovens hodiernos estariam evitando uma possível manipulação das redes utilizadas e se livrariam da mais temida enfermidade do mundo pós-moderno: o anzol da liberdade.

Aluna 4021 - Camila Azevedo - Turma 302

As fronteiras do mundo acadêmico, uma ciência desigual

“Se hoje consigo enxergar além, é porque estou amparado no ombro de gigantes”. Essa frase memorável de Isaac Newton sintetiza o funcionamento do progresso científico, que apesar de ser marcado por traços de genialidade individual, não deixa de ser um trabalho coletivo de toda uma espécie em busca da verdade, ou ao menos de uma versão aproximada dela. Atualmente, com a consolidação da internet e com os progressivos esforços para uma melhor educação a nível global, nunca foi tão fácil obter conhecimento, mas será que isso é suficiente para tornar a produção científica democrática?

Ainda que o conhecimento em si esteja mais acessível, a maior parte das descobertas se concentra em polos científicos de países desenvolvidos e produtores de tecnologia para as demais nações em desenvolvimento, um reflexo disso pode ser notado na lista de laureados pelo prêmio Nobel, a maioria dos ganhadores são da Europa ou da América anglo-saxônica. Um exemplo notável está no fato de que a China, com mais de 1 bilhão de habitantes, só recentemente conseguiu ter um de seus pesquisadores premiados, e o Brasil, com mais de 200 milhões de habitantes, bem como a maioria dos países da América Latina e África, não pontua nenhum nome na lista.

Além dessa disparidade entre nações, também é notável a grande barreira entre a comunidade acadêmica e a população leiga, intensificada pela linguagem técnica dos artigos científicos e pela dificuldade em acessá-los, uma vez que muitos deles são guardados por bibliotecas virtuais de universidades e não são gratuitos, sendo feita uma cobrança pela leitura dos artigos (paywall). Como consequência, pesquisas de importância global que envolvem decisões que podem mudar o rumo da história, como a inteligência artificial e a bioengenharia, são feitas sem que os principais afetados sequer saibam delas até os seus efeitos se manifestarem.

Concluindo, além de tornar o conhecimento acessível por todos, a humanidade encontra o desafio de tornar a produção de novas ideias também democrática, sendo necessários investimentos em pesquisa em todas as regiões do planeta, bem como uma maior

aproximação da população geral para as novidades científicas, tornar a leitura de artigos científicos gratuita (fim dos paywalls) e aumentar a visibilidade das descobertas recentes nas diversas áreas do conhecimento tanto pela escola quanto pela mídia são ações que podem, progressivamente, tornar a ciência, de fato, um esforço contínuo de toda a humanidade.

Aluno 4101 - Jorge Alberto - Turma 303

Ela é deus?

“Onde há sangue não há palavra”. É assim que a morte é descrita em *A confissão da leoa*, de Mia Couto. Seja por minas explosivas, na guerra civil de Moçambique, ou por leões no livro supracitado, a morte, como um deus, rege as relações humanas, estando presente de forma intensa na história moçambicana e deixando cicatrizes indeléveis nessa sociedade.

A princípio, é necessário entender que a consolidação conturbada de Moçambique, perpassa processos de colonização seguidos de uma violenta guerra interna. Nesse contexto, para além da morte iminente que envolvia esses dois acontecimentos, a colonização abrangia um tipo diferente de extermínio, ligado à assimilação de aspectos culturais impostos e ao apagamento dos originários, referidos no livro como “máscaras”. Dessa forma, o findar é algo, por sua recorrência, enraizado e naturalizado socialmente na história do país.

De maneira semelhante, em *A confissão da leoa*, a morte de mulheres por leões era tida como natural, posto que, segundo o imaginário social, a alma feminina seria incorporada à leoa, passando a habitar um corpo forte por natureza, evidenciando a vinculação do frágil ao ser mulher. Esse pensamento revela a organização de uma sociedade patriarcal, em que personagens como Mariamar eram silenciadas e deixadas de lado em decisões por questões de gênero. Destarte, essas disparidades estavam presentes em vários aspectos, dentre eles na morte, que era encarada de maneira diferente, isto é, sob um viés feminino e agravante.

Em vista disso, a literatura, como produto de uma sociedade permeada de estigmas, consegue traduzir as mágoas intrínsecas, através de alegorias, bem como oferecer novas percepções - como no caso de Mariamar - e possibilidades para problemas enraizados. Por isso, faz-se necessário a promoção de uma educação transformadora, por meio da literatura - especialmente no caso de Moçambique - que consiga construir um diálogo entre a história e os

entraves vigentes, a fim de que a morte seja melhor compreendida e onde haja sangue, haja também palavras.

Aluna 3982 - Ana Dourado - Turma 302

Moçambique: literatura também é história

Moçambique: eis uma nação cujo processo de formação deixou profundas cicatrizes na vida de seus habitantes. Ao longo dos anos, desde o período da colonização portuguesa até os dias atuais, a população moçambicana vivenciou diversos encontros interculturais e conflitos que acabaram por causar um imenso abalo em seus hábitos e costumes, atingindo inclusive o campo artístico. Nesse contexto, uma análise detalhada da esfera literária desse país revela não só uma literatura que expressa a sua cultura, mas também obras que estabelecem um forte elo com a história dessa nação, esclarecendo, assim, a dura jornada percorrida por seus habitantes.

Um dos aspectos mais destacados quando se trata da formação de Moçambique diz respeito aos conflitos pós-independência, os quais, figurando-se como a luta pela verdadeira liberdade do povo moçambicano, são retratados nas obras de um de seus maiores escritores: Mia Couto. Em *A confissão da leoa*, por exemplo, obra publicada em 2012, ao retratar as constantes fugas dos habitantes da fictícia aldeia de Kulumani, devido à terrível “guerra entre irmãos” que então aterrorizava a todos, o escritor estabelece uma relação direta entre sua narrativa e a guerra civil que envolveu, durante 16 anos, o governo da recém República Popular de Moçambique e as forças de resistência “antissocialista”.

Ainda que, de fato, a esfera literária englobe obras de ficção, as quais prezam pela estética e subjetividade em detrimento da narração real dos fatos, o que seria consequentemente um obstáculo para o estabelecimento de diálogos com a história, é importante compreender a possibilidade de adentrar na cultura e no passado de um povo que é dada pela literatura. O próprio Mia Couto, ao tratar em suas obras de questões relacionadas às guerras, ao patriarcalismo e aos mitos que permeiam os moçambicanos, abre espaço para o reconhecimento da cultura, reflexões e crenças de seu povo, fato que constitui, então, um importante passo para a compreensão da história de sua pátria.

Dessa forma, fica evidente a forte relação existente entre a literatura e a história do país africano, o que também se estende para

outras nações, de modo que a leitura e divulgação de obras que carregam consigo aspectos históricos de algum povo ou território é indispensável. Para tal, é importante que os governos de cada país, individualmente, mediante órgãos reguladores do ensino nacional, direcionem esforços para a efetiva inclusão de tais obras nos currículos escolares e universitários, a fim de levá-las a vários alunos. Assim, é possível abrir espaço para que cada vez mais jovens vejam a sua e outras nações, como Moçambique, sob uma ótica diferente: a ótica literária.

Aluno 4133 - Gustavo Oliveira - Turma: 302

Uma missão essencial

Aclamado historiador e professor brasileiro, Nicolau Sevcenko defende a ideia de que a literatura, ao contrário da história, não dispõe de uma obrigação fixa com os fatos, o que a permite ir além da simples constatação e, com isso, enriquecer a análise do real com reflexões e possibilidades alternativas a um mesmo evento. Nesse aspecto, em 2012, o escritor moçambicano Mia Couto ratificou, de maneira exemplar, o trabalho de Sevcenko através da obra *A confissão da leoa*. A partir dela, é possível afirmar que, além do que foi apresentado pelo professor, a literatura desempenha um importante papel histórico, caracterizado pelo auxílio à compreensão da realidade e da formação cultural-identitária da sociedade.

Em um primeiro plano de análise, tem-se a função orientadora à apreensão do real. Na obra de Mia Couto, tal característica é marcada na contextualização do meio rural de Moçambique, com a apresentação do modelo sociopolítico pós-moderno e suas manifestações contrastantes à memória histórica da população - profundamente marcada pelos desdobramentos da guerra de independência. Além disso, uma dura reflexão acerca do papel social e da luta pelos direitos das mulheres é feita a partir da metaforização dos “leões comedores de gente”, que nada mais são do que a representação do patriarcado que “devora” aquelas mulheres e impõe a elas a marginalização e a submissão. Assim, através da mescla entre fato e ficção, a obra literária fornece ao interlocutor os alicerces necessários ao entendimento daquele contexto histórico, bem como instiga um pensamento crítico acerca das diferentes possibilidades de manifestação de determinada realidade.

Concomitantemente, a literatura assume notória importância na construção cultural-identitária de uma sociedade. Sobre isso, é possível observar, ainda em *A confissão da leoa*, o embate travado entre a tradição autóctone e a hegemonia dos costumes ocidentais, o que situa o espectro cultural daquele povo na contemporaneidade, sem deixar, contudo, de abordá-lo em sua essência. Com isso, a apresentação do diário de Mariamar - uma aldeã intrinsecamente

ligada à cultura local, que externa crenças míticas e ancestrais - e as interposições oníricas - com descrições de rituais, histórias e percepções individuais -, que compõem a obra, favorecem o resgate e a valorização de elementos tradicionais atacados pelo neocolonialismo. Assim, o trabalho literário não apenas mantém viva a cultura, como também auxilia no reconhecimento identitário de determinado povo.

Dessa forma, apenas uma obra (em um universo de milhares) já é capaz de manifestar a missão histórica da literatura, o que enfatiza sua importância na construção da humanidade. Logo, faz-se imprescindível a atuação dos setores sociais na manutenção da atividade histórico-literária, bem como na sua ampla divulgação. Para isso, cabe aos Estados e às autoridades educacionais inserir o contato com esses trabalhos no escopo da formação básica, de modo a entendê-las como patrimônio de toda a sociedade. Assim, será possível integrar os indivíduos às suas formações histórico-culturais e fomentar um melhor entendimento da realidade, o que certamente alçará a humanidade a patamares civilizacionais mais elevados.

Aluna 3973 - Yasmin Sá - Turma 304

CAPITÃES DA AREIA

Poema sobre cena de *Capitães da areia*

Nas docas, Pedro dá fim ao seu maior mistério
Ele descobre sobre seu pai e como foi parar no cemitério
João de Adão conta como ele ajudou nas greves
O que faz Pedro querer também ajudá-los tão em breve

Voltando ao trapiche, Pedro vê uma negrinha surreal
Ele a persegue e a derruba no areal
Tão trágica essa cena, porém tão atual
O leitor não quer nunca que ela seja real

A partir desse ponto, o leitor se indigna
Pois Pedro fez uma "coisa" tão não benigna
É esse o mesmo Pedro a quem eu desejava felicidade?
Será ele culpado ou apenas vítima da sociedade?

Não se sabe dizer, ou apenas não se quer
Mas afinal, esse não se resume a um ato contra a mulher?
De um jeito ou de outro, o leitor se surpreende
Pois a genialidade do autor mostra algo ainda tão recente

Aluno 4010 - Pazinato - Turma 202

Uma apresentação

Muito bom dia, minha gente	Parecia até milagroso
Solicito agora toda a atenção	Porque os ladrões
Para essa história de Jorge	Em crianças transformou
Amado	
Escrita com tremenda dedicação	E assim começou a história
Que tem os Capitães da areia	Que tem muitos causos mais
Como protagonistas da criação	adiante
	Mas nesses humildes versos
Num trapiche abandonado	Cabe falar só dos principiantes
Durante a noite repousamos	E de dois curiosos personagens
Guardamos recompensas do	Dos quais falarei nesse instante
trabalho suado	
Os objetos que roubamos	Sem-Pernas e Pedro Bala
Como barcos ancorados	São eles os meliantes
Neste cais a vida levamos	Um era o manco o outro o chefe
	O primeiro era um nato farsante
No bairro de Pitangueiras	Já Pedro planejava os furtos
Foi nos dada uma missão	Mesmo novo
Uma carta de amantes a ser	Estava longe de ser um iniciante
delatada	
Que precisávamos passar a mão	Depois da prévia que acabei de
Para evitar o vultoso escândalo	dar
Que envolveria o pobre do barão	Me despeço em tom de cantoria
	Espero que tenham aproveitado
Certa vez veio do interior uma	Essas rimas recheadas de
surpresa	simpatia
Que alumiu as noites de	Apresentaremos agora sem mais
Salvador	demora
Por mais simples que fosse	Tal seminário de nossa autoria
Tal carrossel a todos encantou	

**Alunas(os): 4053 Rebeca Oliveira, 4822 Thainá Flávia,
4058 Victória Teixeira, 4601 João Neri, 4590 Souza - Turma 203**

Salvador, 31 de outubro de 2020.

Senhor diretor do reformatório,

Recentemente entrei em contato com uma pequena parte da sua história e devo dizer que o seu trabalho me chamou a atenção. Com certeza, não é fácil presidir uma instituição de tremenda importância social como a que o senhor dirige. Porém, há formas mais harmoniosas de fazê-lo, formas sem violência, formas que o senhor poderia adotar. Não leve isso como um insulto, por favor. Esse documento, cuja leitura não vai lhe tomar muito tempo, só pretende apresentar uma perspectiva mais empática acerca disso e, talvez, até mudar a sua.

Inicialmente, gostaria de convidá-lo a ir a um lugar distante... a um lugar que, com o passar dos anos, o senhor deixou de lado... a sua infância. Quais eram seus sonhos? Como via o mundo? Pelo que passou? Respondendo a essas questões, muitas memórias e ideias antigas, quase desconhecidas pelo “eu” que lê essa carta, podem retornar à mente que um dia as viveu. Mas, e se, por desventura do destino, quase todas elas pudessem ser resumidas à dor, à solidão, à fome: o senhor teria a mesma posição social que tem hoje? Creio que não. Então, não culpe os meninos que o seu reformatório abriga de serem responsáveis pelo que tiveram que fazer em suas vidas, não culpe nem mesmo os Capitães da areia, que soube que também já passaram por aí. Eles não tiveram muitas escolhas na jornada pela sobrevivência. Não os trate com a mesma fúria com que a vida já o fez.

Causar-lhes mais sofrimento só vai gerar ódio. Então, o senhor e os demais funcionários deveriam lhes mostrar que a vida pode ser boa com eles, que é possível viver sem ter que seguir caminhos obscuros, que alguém se importa com eles. Isso poderia ajudá-los. Já os maus-tratos lhes dão a certeza de que a sociedade não presta e de que não é possível e nem há sentido em fazer o bem. Além disso, tal tratamento lhes corta as asas da esperança, que quase já não existem neles.

Finalmente, se ainda estiver lendo essa carta, pode se perguntar quem está se dirigindo ao senhor. Respondo que é alguém que viu um mundo bem diferente do seu, é alguém que conhece leis que defendem crianças e, o mais importante, é uma jovem. Uma jovem como o senhor já foi, como até os Capitães da areia são. Alguém que quer ter sua voz ouvida, que acredita em educação sem violência, que ainda tem esperança no ser humano, que ainda tem esperança nesse diretor de reformatório.

Atenciosamente,

Beatriz Gidi.

Aluna 4068 - Beatriz Gidi - Turma 203

Salvador, 2 de novembro de 2020.

Caro Boa-Vida, membro honorário dos Capitães da areia,

Visto que, durante a chegada da nova onda de varíola no Brasil, você foi um dos mais afetados de todo o grupo, era imprescindível que eu me comunicasse com você. Sou de uma época em que uma pandemia nos atingiu, e é por essa razão que lhe endereço essa carta.

Embora o tempo tenha passado, o período do qual escrevo não parece muito diferente do seu, pois as mesmas facetas de pobreza e de miséria continuam a estampar nossa Salvador. A doença que chegou é transmitida pelo ar, e o distanciamento se tornou corriqueiro. O número de mortes e o de contágios cresceram, dados alarmantes. Destarte, ações públicas para tentar salvar vidas e assistir a população pobre, especialmente no que tange à oferta de saúde pública de qualidade, são indispensáveis, mas, infelizmente, não vêm sendo realizadas.

A situação atual do Brasil é preocupante. De acordo com dados da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, por exemplo, mais de 60% da população soteropolitana não tem acesso a um médico da família. Esses dados preocupam porque, apesar de existirem unidades de emergência espalhadas pela capital, não se veem unidades preventivas, que seriam capazes de prevenir essas situações emergenciais.

Além disso, enquanto a população mais rica desfruta de planos de saúde e hospitais privados, a população mais pobre fica à mercê de atendimentos, muitas vezes, em situações precárias. E apesar dos pesares, o Sistema Único de Saúde (SUS), nome do programa nacional de saúde pública do Brasil, ainda é capaz de atenuar e solucionar grande parte das problemáticas às quais é incumbido. No entanto, o que chega a ser uma grande surpresa, meu caro Boa-Vida, é o fato de existirem pessoas defendendo a privatização desse programa. Fica aí uma dúvida: como ficará a saúde pública do Brasil sem o SUS? E a população mais pobre, como ficará? Acredito que ao invés de privatizá-lo, deveríamos melhorá-lo!

No mais, desejo a você muita saúde e digo que o motivo pelo qual me enderecei a você é o fato de ter sido o único do grupo a sofrer a doença e a escapar com vida. Você, com toda certeza, sentiu na pele o que é não ter acesso a uma saúde pública plena e segura. Espero que essa mensagem o encontre bem. Minhas mais sinceras lembranças.

Cordialmente,
João Pedro Sena.

Aluno 4057 - Sena - Turma 201

Salvador, 03 de novembro de 2020.

Prezado chefe de polícia,

Acredito que o senhor esteve envolvido no caso do menino Pedro-Bala, o líder dos Capitães da areia que foi capturado e tratado de forma brutal pelos funcionários tanto da polícia quanto do reformatório, porém não é sobre essa situação que tratarei nessa carta. O caso que abordarei é de um menino conhecido como Sem-Pernas, que assim como Pedro-Bala, foi vítima da crueldade desse sistema que alega proteger os cidadãos, mas ao invés de educar e reintroduzir os pequenos delinquentes na sociedade, propaga ainda mais violência.

Sem-Pernas era um dos membros dos Capitães da areia que tragicamente morreu ao se atirar de um morro enquanto era perseguido pela polícia. O garoto já havia sido pego pelas autoridades antes, e segundo relatos do mesmo, ele apanhara enquanto um dos policiais dava risada de sua condição de portador de deficiência física. É inaceitável que uma criança seja tratada dessa forma, independentemente de suas ações.

Sem-Pernas era apenas um menino em busca de carinho e cuidado, mas em troca recebeu ódio, humilhação e desprezo. Esse é um órgão responsável pela segurança da população, e isso não envolve a agressão dos suspeitos e nem mesmo dos culpados de praticar algum crime. Não estou a dizer que o garoto não deveria ser punido por seus delitos, mas sim que a forma como foi tratado não é desejada a nenhum ser humano, especialmente a uma criança.

A gravidade do trauma que Sem-Pernas desenvolveu era tamanha que o menino preferiu se atirar do morro do que ser pego novamente pelos policiais e enfrentar todo o sofrimento novamente. Esse caso revela a brutalidade do sistema pelo qual o senhor é o atual responsável e que exige mudanças urgentes. As autoridades precisam deixar de tratar os meninos em situação de rua com descaso e passar a acolhê-los, visto que eles ainda são crianças como outras quaisquer.

Infelizmente já é tarde para mudar o destino de Sem-Pernas, porém, espero que o senhor tome as medidas necessárias para punir os policiais que agrediram o garoto e mudar a forma como essas crianças são tratadas, de maneira que, ao invés de utilizar violência, sejam usadas ferramentas socioeducativas para reintegrá-las à sociedade como pessoas dignas, e casos absurdos como o de Sem-Pernas não tornem a acontecer.

Atenciosamente,
Cecília Saraiva.

Aluna 4066 - Cecília Saraiva - Turma 202

Salvador, Bahia, 03 de novembro de 2020.

Prezada Dona Esther,

Escrevo essa carta com o objetivo de tentar acalmar um coração possivelmente magoado. Soube que fora roubada por um menino de rua que a senhora e seu marido acolheram em vossa casa, mas redijo para lhe pedir que não culpe uma criança e não guarde raiva dela por esse ato ilícito. O verdadeiro culpado pelo o que lhe aconteceu é o Estado que rege vosso país.

Uma criança abandonada em situação de rua faz tudo o que for possível para sobreviver, incluindo roubar, enganar e, em alguns casos, até matar. Contudo, se essas ações extremas são necessárias, é porque existe uma negligência governamental com essa criança. Segundo o artigo 227 da Declaração Universal dos Direitos da Criança, da ONU, de 1959, “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar a crianças e adolescentes, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Porém, muitas dessas crianças que vivem nas ruas não possuem um vínculo familiar, sendo papel do Estado cuidar delas. E apesar do que existe na lei, a realidade prática é algo muito distinto. Basta uma entrevista com um menino de rua para se ter plena certeza do que estou afirmando.

Uma pesquisa sobre as crianças em situação de rua desenvolvida pela Ciespi/PUC-Rio, em conjunto com a Associação Beneficente O Pequeno Nazareno, mostrou que 97% dos entrevistados já sofreram violência, sendo que metade deles acusou os agentes de segurança pública como os maiores responsáveis pelas agressões sofridas. Ao mesmo tempo em que na legislação consta que é responsabilidade do Estado proteger esses menores de idade, é esse mesmo Estado que os maltrata e agride. Consegue imaginar o dano psicológico que o abandono familiar e estatal, somado a agressões físicas, pode causar a uma criança sem uma estrutura na

qual se apoiar?

Caso pretenda enfurecer-se com alguém, que seja com aqueles responsáveis por manter meninos e meninas em situações de extrema pobreza e maus tratos nas ruas. Afinal, como pode uma pobre criança ser responsável pela situação de vulnerabilidade social em que vive? Não há ensinamentos de valores, educação básica, nem há presença de carinho e afeto. Há apenas a necessidade de se manter vivo. Sem o cuidado de uma família e sem cuidado do Estado, a alternativa que resta para esses jovens é sobreviver da maneira que puder, sem poder - ou conseguir - confiar em muitas pessoas.

Por fim, agradeço sua atenção,
Beatriz S. Valadares.

Aluna 4589 - Beatriz Valadares - Turma 203

Salvador, 2 de novembro de 2020.

Caro padre José Pedro,

Na última semana, li a incrível obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado, e conheci um pouco da sua história juntamente com a do grupo de garotos liderado por Pedro Bala. O que me leva a escrever essa carta é não só meu desejo de expressar uma enorme admiração pelo senhor, mas também de reforçar as suas atitudes e criticar o enorme descaso e a violência para com os meninos do trapiche.

De fato, os Capitães da areia cometeram muitos crimes e eram perseguidos pela polícia, no entanto, como poderiam ser diferentes? Levando-se em consideração o determinismo defendido por Rousseau, aquelas crianças estavam em um meio violento e marginalizado por uma sociedade que não via nenhuma esperança nelas. Sendo assim, elas estavam, diariamente, em contato com os furtos e as atrocidades, vendo-os como opções de sobrevivência.

Além disso, o reformatório, que deveria auxiliá-los a se recuperar, não cumpria com o seu papel, visto que, assim como o senhor disse para o Jornal da Tarde, apenas torturava e deixava os garotos mais violentos. perpetuando o ódio e a impossibilidade de uma verdadeira mudança. Por outro lado, as ações do senhor foram admiráveis e demonstraram uma enorme coragem e nobreza, não medindo esforços para ajudá-los. Afinal, para defendê-los, até mesmo, confrontou o cônego, o qual, infelizmente, apenas dizia “Isso não é conosco!”, tapava os próprios olhos para a violência contra os Capitães e, ainda, insistia que ajudá-los era um erro. Confesso: se dependesse apenas de mim, o tornaria cônego!

Por fim, gostaria de reforçar, mais uma vez, a minha admiração pelas suas atitudes, as quais sempre buscaram o bem das crianças, enquanto outros agentes apenas os tratavam de forma brutal.

Com todo o respeito e admiração,
Murillo Simões Santos.

Aluno 4065 - Murillo - Turma 201

POEMA-OBJETO

Poema-objeto 1

A produção do poema-objeto demandou alguns bons minutos com um fluxo incessante de ideias sobre meu pequeno grande cérebro. Após a leitura dos poemas, a escolha era clara: “O impossível carinho” havia se destacado entre os demais, bastava saber traduzir imagetivamente. Pensei. Dormi. Acordei. Pensei. Encontrei a tradução desejada. Manuel Bandeira colocava no papel o desejo de retribuição de um carinho que, no entanto, era de impossível realização. De maneira análoga, no meu poema-objeto optei pelo uso de uma rosa, hermeticamente fechada com uma cúpula de vidro, e ao lado a representação de um “cravo”, em alusão à famosa cantiga “O Cravo brigou com a Rosa”, demonstrando esforço para entregar a amada “o impossível carinho”.



Aluna 3969 - Júlia Casé - Turma 303

O Impossível Carinho

Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo
Quero apenas contar-te a minha ternura
Ah se em troca de tanta felicidade que me dás
Eu te pudesse repor
- Eu soubesse repor –
No coração despedaçado
As mais puras alegrias de tua infância!

Poema-objeto 2

Ao realizar a leitura da obra *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, vários poemas me chamaram a atenção, mas me voltei em especial ao "Poema de finados" porque traz em si a ideia de que a morte não está somente naquele que se foi, mas também nos que ficam nesse plano. Há poucos meses, meu avô materno foi a óbito, por complicações diversas no corpo, já que sofria de CA. Era uma pessoa muito querida por toda família, e com ele partiu também um pouco de cada um de nós. Com sua perda, todos sofremos muito, mas, no momento de seu enterro, me sinto até culpada em dizer que orei mais pelos meus familiares ainda vivos e seus futuros do que por meu avô em si, pois o abalo que tinha ficado gravado em minha mãe e em todos os seus irmãos estava muito evidente, desde os dolorosos momentos de todas as tentativas de tratamento da triste doença até o momento em que se deu sua última respiração, o que fez com que eu me sentisse, de certa forma, representada no poema. Assim, resolvi usar para a composição de meu poema-objeto uma pequena espada com uma representação de sangue, um pequeno terço e um medalhão, representando a religiosidade, também levemente manchados com respingos de sangue, e flores brancas, tudo isso em uma caixa antiga que me fora dada por meu avô, o que me fez sentir de forma parecida ao sentimento que fora percebido por mim na leitura do poema em questão.



Aluna 4348 - Júlia Giovanna - Turma 304

Poema de finados

Amanhã que é dia dos mortos
Vai ao cemitério. Vai
E procura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
O filho tem mais precisão.

O que resta de mim na vida
É a amargura do que sofri.
Pois nada quero, nada espero.
E em verdade estou morto ali.

Poema-objeto 3

Entre todos os poemas do livro *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, o que mais me chamou atenção para a produção desse trabalho foi “Camelôs”, por retratar um pouco sobre a melhor fase da minha vida: minha infância. Essa obra pôde me proporcionar vários momentos nostálgicos. Para esse poema-objeto, utilizei objetos que são sinônimos de boas lembranças, com as quais pude compartilhar risadas com entes queridos e amigos. A foto mostra o fato de que muitos de nós não conseguimos desapegar, e acabamos guardando brinquedos que não usamos mais, por não perder o afeto que pegamos por eles quando éramos pequenos. Afeto que o autor busca enfatizar em seu poema, quando usa diminutivos como: balõezinhos, macaquinho, homenzinhos e canetinhas. Essa atividade foi diferenciada, e me fez refletir o quanto é leve e prazeroso ser criança.



Aluna 4192 - Alícia Canal – Turma 303

Camelôs

Abençoado seja o camelô dos brinquedos de tostão:
O que vende balõezinhos de cor
O macaquinho que trepa no coqueiro
O cachorrinho que bate com o rabo
Os homenzinhos que jogam box
A perereca verde que de repente dá um pulo que engraçado
E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão coisa alguma.
Alegria das calçadas

Uns falam pelos cotovelos:
– “O cavalheiro chega em casa e diz: Meu filho, vai buscar um pedaço de banana para eu acender o charuto. Naturalmente o menino pensará: Papai está malu...”

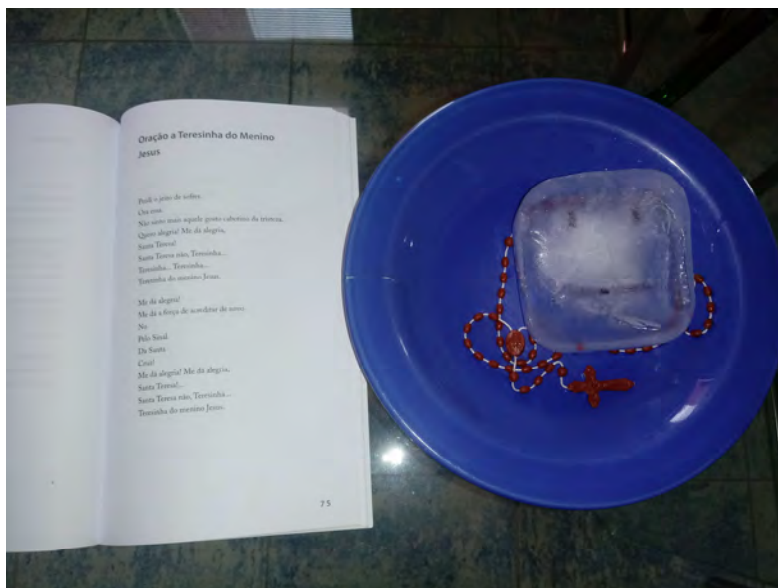
Outros, coitados, têm a língua atada.

Todos porém sabem mexer nos cordéis como o tino ingênuo de demiurgos de inutilidades.

E ensinam no tumulto das ruas os mitos heroicos da meninice...
E dão aos homens que passam preocupados ou tristes uma lição de infância.

Poema-objeto 4

Após a leitura dos poemas de Manuel Bandeira, do livro *Libertinagem*, acabei me interessando pela “Oração a Teresinha do Menino Jesus”, poema em que o eu-lírico encontra-se fazendo uma oração, clamando para que Deus lhe dê alegria, felicidade. Em decorrência disso, optei por realizar um poema-objeto baseado nesse texto. Na foto, pode-se ver um cubo de gelo, com um rosto desenhado, envolto por um terço, dentro de um prato. O gelo, junto com a expressão facial nele inserida, visa representar a frieza e indiferença desenvolvidas pelo eu-lírico após tanto sofrer, como se percebe em “Perdi o jeito de sofrer” e “Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza”. Já o terço carrega consigo sentido religioso explícito, e expressa, pois, as preces do eu-lírico, sua oração clamando e pedindo por alegria.



Poema-objeto 5

Depois de ler alguns poemas do livro *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, tive meu interesse despertado por “Oração a Teresinha do Menino Jesus”. Nesse poema, o eu-lírico faz uma oração ao seu Deus, pedindo para que ele possa lhe conceder alegria novamente, o que me fez lembrar de uma figura do folclore japonês que tenho na minha casa. Na foto, está o boneco “Daruma”. Ao observar seus olhos, nota-se que ele possui apenas um deles pintados; isso ocorre por se tratar de um dos requisitos do pedido feito para que ele possa realizá-lo. Funciona da seguinte forma: quando se ganha o boneco “Daruma”, ele vem com seus olhos sem pupila; dessa forma, faz-se um pedido e depois pinta-se um de seus olhos, e, quando o pedido for realizado, o segundo olho pode ser pintado como forma de agradecimento, passando para o último ritual, no qual se deve queimar o boneco para que o “kami” (espírito) tenha conhecimento de que o pedido não foi esquecido e de que não se tenha desistido dele. Em suma, o ritual que se faz como necessário para que seu desejo chegue até o espírito, relaciona-se com a oração que o eu-lírico faz para seu Deus. Nesse sentido, ambos os processos se consagram como formas de manifestar seus desejos para que os deuses possam conceder alegria aos seus fiéis.



Aluno 3977 - Renan Sunano - Turma 302

Oração a Teresinha do Menino Jesus

Perdi o jeito de sofrer.
Ora essa.
Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza.
Quero alegria! Me dá alegria,
Santa Teresa!
Santa Teresa não, Teresinha...
Teresinha... Teresinha...
Teresinha do Menino Jesus.

Me dá alegria!
Me dá a força de acreditar de novo
No
Pelo Sinal
Da Santa
Cruz!
Me dá alegria! Me dá alegria,
Santa Teresa!...
Santa Teresa não, Teresinha...
Teresinha do Menino Jesus.

Poema-objeto 6

Após a leitura dos poemas da obra *Libertinagem*, escritos por Manuel Bandeira, me interessei bastante pelo texto “Profundamente”. As sensações que o eu-lírico traz ao leitor enquanto fala de suas experiências relativas a uma noite de festividades juninas e posteriormente, ilustra que a falta de entes queridos são destacáveis e até induzem um processo de reflexão pessoal. Por isso, escolhi o texto em questão para ser retratado em forma de poema-objeto. Utilizei objetos que representam os momentos festivos e os coloquei em cima de um travesseiro, juntamente a um álbum fotográfico que ilustra a presença das pessoas benquistas em nossas vidas, uma cruz e algumas velas, reproduzindo um ambiente que traz saudade por aqueles que já faleceram, para simbolizar o “descanso eterno” desses elementos na memória do eu-lírico do poema original. Com essa imagem, quis retratar, além da descrição do autor sobre os indivíduos que dormiam, mas outrora realizavam suas comemorações juninas, também o sentimento de lembrança daqueles que já “dormem profundamente”. Confeccionar esse trabalho mostrou-se como uma experiência gratificante e, ao mesmo tempo, interessante. O processo de transformar as emoções e entendimentos passados por um poema escrito em produto visual foi algo único até então para mim e, a partir dele, tive a oportunidade de expressar sensações e ideias tão subjetivas de forma diferente e criativa.



Aluno 3964 - Nicolás - Turma 302

Profundamente

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

*

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo

Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Poema-objeto 7

Durante a leitura de *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, deparei com o poema "Poética", pelo qual me interessei muito, devido à sua maneira diferente de olhar para a poesia, criticando o Parnasianismo e outras escolas literárias, chamando-as de previsíveis e excessivamente normativas. Tive como objetivo, portanto, captar a essência daquilo que Manuel Bandeira queria falar através de sua poesia, que era mudar o estilo de fazer poema, "jogando fora" todas aquelas regras que os antigos poetas consideravam necessárias durante a criação artística. Concluo, expressando que essa foi uma atividade que apela para o lado criativo dos alunos, enriquecendo ainda mais a nossa cultura, e que eu considero ter sido muito produtiva de modo que pude associar os elementos verbais e não verbais durante essa produção.



Poética

Estou farto do lirismo comedido
 Do lirismo bem comportado
 Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
 protocolo e manifestações de [apreço ao Sr. diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o
 cunho vernáculo de um [vocábulo.
 Abaixo os puristas
 Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
 Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
 Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
 Político
 Raquíptico
 Sifilítico
 De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo

De resto não é lirismo
 Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante
 exemplar com cem modelos de
 [cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres etc

Quero antes o lirismo dos loucos
 O lirismo dos bêbedos
 O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
 lirismo dos clowns de Shakespeare
 – Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Poema-objeto 8

Durante minha infância e boa parte da minha adolescência, passei por diversas situações bastante complexas de serem enfrentadas, e com esse poema escolhido, pude ter algumas dúvidas esclarecidas. Posteriormente à minha leitura do poema de Manuel Bandeira, “Vou-me embora pra Pasárgada”, comecei a me questionar sobre quais são meus mecanismos de defesa aos quais recorro para evitar certos tipos de conflitos, e pensei: o que é uma música, um filme, um jogo, ou até mesmo uma rede social, se não a imagem do mundo que gostaria de viver, porém é impossível? Depois de obter minhas respostas, pude confeccionar o meu trabalho. No poema-objeto há diversos itens que servem como um escape da realidade, não só para mim, como também para milhares de pessoas. É mostrado, no poema, uma Bíblia e um terço que simbolizam a religião que hoje é um dos meus refúgios, é mostrado um fone de ouvido e uma pintura que expressam a arte que servem como uma libertação da realidade e uma pausa do mundo real; os demais objetos, como a mala, representam a possibilidade que tenho de sonhar que estou em vários lugares, tirando férias de uma vida monótona. Infelizmente, nem sempre a Pasárgada representa um escapismo positivo, também pode ser a morte que é representada pela faca. Por fim, esse poema mostra que a realidade não é o bastante para ninguém, é necessário ter um local de escape onde tudo é perfeito para nos sentirmos melhor quando necessário. Às vezes, é necessário viver como uma obra romântica em tempos difíceis.



Aluna 4097 - Beatriz Santos - Turma 304

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaide à vontade

Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Poema-objeto 9

O Poema “Andorinha”, de Manuel Bandeira, me fez refletir como muitas vezes deixamos de fazer algo que queríamos ou que precisávamos, gerando no final do dia arrependimento de não ter feito. Além disso, lembrei que existem muitos objetos que, hoje em dia, muitos não conhecem a sua real função.

A frigideira jogada no lixo foi bem usada e no momento em que está no lixo é visto que é seu fim. Mas, o seu cabo não foi usado por completo da maneira “correta”. Naquele cabo existe um furo que poucos conhecem sua função: segurar a colher que foi usada na frigideira, para evitar que fique “jogada” pela cozinha. Mas, no “histórico de vida” daquele cabo, não houve utilidade e, por esse motivo, a sua vida foi à toa.

Igualmente, o cabo da frigideira, como a andorinha, está sendo personificado na lamentação de sua vida à toa.



Andorinha

Andorinha lá fora está dizendo:

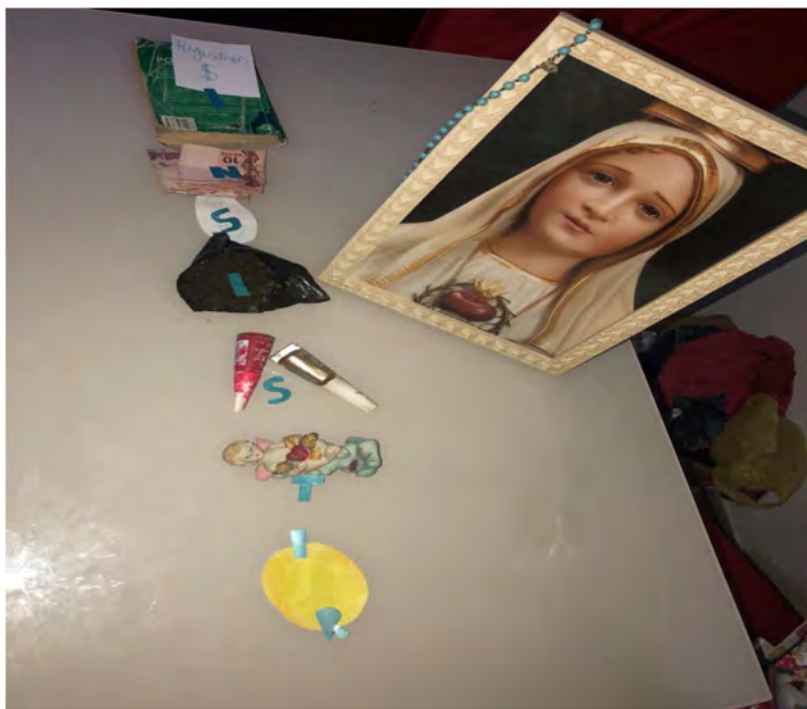
— "Passei o dia à toa, à toa!"

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!

Passei a vida à toa, à toa . . .

Poema-objeto 10

O poema-objeto desenvolvido por mim teve como objetivo materializar o poema “A virgem Maria.” O dinheiro para estampar a ganância daqueles que transformam o cortejo do eu-lírico em um evento de arrecadação de impostos, as letras azuis da cor do manto da virgem que no texto representa a esperança, a sua voz que sussurra ao homem inerte, insistentemente, que há esperança, na forma da luz do sol, representada ao final do poema-objeto, mostrando que mesmo que ele tenha se deixado enterrar, ela repete, que há a luz. Utilizei alguns objetos presentes no texto, como uma foto da virgem Maria próxima ao pequeno túmulo preto; para representá-los, usei esmaltes para espelharem as unhas, e a pá que o enterram, metáfora utilizada pelo eu-lírico, representando todos aqueles que no texto o enganaram para a morte. Embora tenha sido extremamente difícil me organizar com as coisas que eu possuía em casa, uma vez que sair era completamente inviável, criar um poema-objeto mostrou-se mais divertido do que eu esperava, sendo uma das melhores atividades que realizei nesses tempos. É necessário escrever, criar e fazer poesia; numa sociedade que tem vivido tão cinza, a poesia pode ser cor.



Aluna 4121 - Yasmin Pereira - Turma 304

A virgem Maria

O oficial do registro civil, o coletor de impostos, o mordomo da
Santa Casa e o administrador [do cemitério de S. João Batista
Cavaram com enxadas
Com pás
Com as unhas
Com os dentes
Cavaram uma cova mais funda que o meu suspiro de renúncia
Depois me botaram lá dentro
E puseram por cima
As Tábuas da Lei

Mas de lá de dentro do fundo da treva do chão da cova
Eu ouvia a vizinha da Virgem Maria
Dizer que fazia sol lá fora
Dizer i n s i s t e n t e m e n t e
Que fazia sol lá fora.

Poema-objeto 11

Entre os 38 poemas escritos por Manuel Bandeira na obra *Libertinagem*, “O último poema” foi o que despertou em mim maior admiração. A mensagem bem como a metapoesia que ele representa serviram para me lembrar da razão pela qual eu comecei a me interessar pela leitura. Nele, o autor diz almejar que seu último poema fosse simples e terno, mas, ao mesmo tempo, ardente e intenso como “a paixão dos suicidas que se matam sem explicação”. Com isso, rememorei os textos que mais me prendiam e de alguma forma mexiam com o meu coração, sendo esses geralmente os que, com uma linguagem cristalina e verdadeira, permitiam compreender e interpretar a história tendo como parâmetro a realidade que, com algumas modificações, poderia se tornar utópica ou melancólica na minha imaginação. Isso me dava um modo de concertar ou incrementar a minha vida como um todo, voltando ao passado e viajando do presente para o futuro. Uma explosão de sentimentos causada por algumas palavras bem reunidas me encantou, assim como os versos escritos no último poema do livro, que tentei espelhar nessa pequena obra.



O último poema

Assim eu queria o meu último poema.

Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos
intencionais

Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas

Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume

A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais
límpidos

A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

CONTO

Desvario nas profundezas

1.

Sinto que preciso documentar essas palavras, pois aquele que as contou para mim foi encontrado morto nesta manhã de domingo. O pobre Martim Gonçalves, um mendigo à beira da insanidade, que havia se tornado uma das maiores fontes de inspiração em meu trabalho, foi encontrado nas margens da praia de Carcavelos, com cortes ao redor do corpo e com os pulmões repletos de água. A polícia ainda está em busca do assassino, mas algo me diz que ele jamais será encontrado. Martim me contou diversas histórias de sua vida nas últimas semanas, as recordações de seu tempo como renomado capitão da coroa portuguesa e a tragédia que o levou à decadência. Agora que ele veio a falecer, irei documentar essa trágica história para que ninguém jamais cometa os mesmos erros que Martim cometeu.

Era uma bela manhã de segunda em Lisboa, e Martim Gonçalves havia acabado de arrumar sua nau para uma longa viagem comercial. Seu objetivo era chegar à Índia para comprar diversos temperos e tecidos. Ele saiu do porto de Lisboa às oito da manhã do dia sete de março de 1898, com tripulação de cinco mercadores, três oficiais de ponte, um mestre, um contramestre e dez marinheiros. No começo da viagem, os ventos estavam excelentes, auxiliando muito a travessia da costa africana, porém, ao se aproximarem da costa angolana para reabastecer os mantimentos, eles depararam com uma diminuta ilha, que não havia sido documentada ainda nos mapas portugueses. Intrigado pela descoberta, ele decidiu atracar naquela ilha misteriosa e ver o que havia lá.

A ilha era habitada por uma pequena tribo, não muito evoluída, porém feliz. Mesmo não tendo sido descoberta pelos portugueses, o povo possuía conhecimento da Língua Portuguesa.

Não eram fluentes e ainda apresentavam dificuldade com certas palavras, mesmo assim, conseguiam transmitir ideias e opiniões. O chefe da tribo se chamava Epalanga Kumola. Ele convidou Martim para conversar em sua oca sobre diversos assuntos. Ao entrar na oca de Epalanga, Martim viu uma quantidade absurda de ouro, estátuas, colares, moedas rudimentares, copos, pulseiras e anéis, e ficou maravilhado com as riquezas da tribo, sugerindo imediatamente ao chefe um acordo: ele traria temperos, roupas, espelhos, e diversas “iguarias” portuguesas em troca de certas quantias de ouro. Epalanga aceitou com um grande sorriso em seu rosto, e foi acertado que Martim iria à ilha de três em três meses para efetuarem as trocas, mas que somente Martim deveria ir no navio, para manter o sigilo do acordo. Com isso, Martim continuou seu rumo, agora sem suas mercadorias, mas com uma quantia exorbitante de ouro, maior do que todos os lucros do ano anterior.

Epalanga era um homem peculiar. Apesar de ser um excelente líder para sua tribo, era extremamente reservado, chegando a passar semanas em isolamento social. Sempre que ele desaparecia, seu filho Ekumbi tomava conta de todos os problemas da vila. Porém, algo de errado havia acontecido. Epalanga havia sumido por mais de um mês e Ekumbi já não estava mais conseguindo lidar com os afazeres da vila, o dia do retorno de Martim havia chegado e Ekumbi não sabia o que fazer. Ele não tinha controle do ouro de sua tribo, apenas seu pai tinha a autoridade de efetuar tais trocas. Desesperado, Ekumbi agiu sem pensar, foi à beira da praia com um punhal serrilhado feito de marfim, ajoelhou-se perante o mar, utilizou o punhal para cortar sua mão, deixou o sangue se aglomerar na areia quente da praia e recitou uma prece que seu pai o havia ensinado para caso algo de muito errado viesse a ocorrer com a tribo.

Martim estava se aproximando da ilha, quando percebeu uma mudança súbita em seu trajeto, a maré estava puxando seu barco na direção oposta. Mesmo com os ventos favoráveis, Martim não

conseguia lutar contra a correnteza marítima, que só podia ser comparada a Caríbdis. Mesmo com todas essas dificuldades, Martim viu uma possível maneira de atracar na ilha. Decidiu apenas deixar que a correnteza o levasse até seu novo destino e, após alguns minutos de jornada, a força da correnteza se esvaiu. Nesse exato momento, Martim ligou o motor de sua nau, acertou a posição das velas e partiu em direção à ilha a todo vapor. Milagrosamente, ele conseguiu, e a primeira coisa que avistou ao atracar foi Ekumbi ajoelhado na praia, com as mãos sujas de sangue e lágrimas em seus olhos.

2.

Confuso com o que acabara de ver, Martim pegou seus sacos de mercadorias, cheios de temperos, espelhos, sal, artesanato, e começou a caminhar em direção à tribo. Os poucos moradores que o avistaram ficaram felizes em vê-lo, acenaram alegremente e alguns até pararam para ter uma breve conversa sobre as maravilhas do continente, mas Martim estava lá para fazer negócios. Ao se aproximar da oca de Epalanga, Ekumbi veio correndo e o parou, com as mãos ainda sujas de seu próprio sangue, dizendo a Martim que seu pai estava desaparecido havia dois meses, e ninguém sabia onde ele poderia estar. Reafirmou que apenas Epalanga tinha o direito de efetuar qualquer troca que envolvesse ouro. Surpreso ao ouvir tais palavras, Martim se sentiu obrigado a encontrar Epalanga, pois ele precisava retornar a Portugal com o ouro, tinha uma reputação a manter em seu país.

Ekumbi disse que, geralmente, seu pai sumia para falar com os deuses, em uma caverna que foi utilizada como templo pelos antigos chefes da tribo, mas os únicos que conheciam o caminho eram os chefes, pois apenas eles eram capazes de falar com os deuses. Ambos saíram em busca da tal caverna, mas sem nenhuma pista de onde

estaria. A expedição dificilmente traria frutos, mas, após quatro dias de busca incessante, eles descobriram uma entrada natural em uma colina não tão longe da tribo, coberta de vinhas e musgo, com a grama ao seu redor bem mais verde que no resto da região.

A caverna era escura, sem nenhuma abertura que permitisse a luz externa adentrar em suas entranhas de pedra. De dentro dela emanava um cheiro pútrido. Martim acendeu um candeeiro que havia levado consigo e viu que as paredes estavam cobertas de desenhos rudimentares, o chão tinha um padrão circular que levava o foco ao centro da gruta, onde se encontrava um altar de pedra lisa, com inscrições em uma língua desconhecida por ambos e, sob o altar, estava Epalanga, ou melhor, o que havia restado dele. Seu peito estava aberto, seus braços e pernas haviam sido devorados por algum animal voraz, apenas sua cabeça havia sido poupada de mutilação e em sua face estava uma expressão de terror imensurável.

Ekumbi deu um grito estridente de dor e agonia, caiu aos prantos ao ver seu amado pai mutilado, ajoelhou-se perante o corpo e beijou a testa de seu falecido pai, que tanto havia sacrificado para proteger seu povo. Martim ficou horrorizado ao ver o cadáver de seu fiel amigo e cliente. Nos poucos meses em que eles haviam se visto e conversado, uma amizade tinha se concretizado. Ekumbi olhou novamente para a sala e, dessa vez, ele viu os diversos ossos espalhados pelo chão, restos mortais dos antigos chefes da tribo, seus parentes, ali estavam todos os seus corpos. Mas Martim notou algo ainda mais intrigante, as inscrições feitas no altar de pedra possuíam um padrão extremamente peculiar, pois elas se ligavam aos círculos no chão, e nas extremidades desses círculos existia um vão extremamente pequeno. Não era possível ver o que havia no fundo, mas analisando os desenhos nas paredes eles perceberam as instruções para um ritual que envolvia o sacrifício de um humano. Os desenhos estavam parcialmente apagados, mas Ekumbi foi capaz de

identificar o motivo de tal ritual ser realizado: o oceano estava faminto, caso não alimentado, ele destruiria tudo para tentar saciar sua eterna fome.

A luz da tarde estava se esvaindo, dando lugar para a penumbra da lua. Os dois decidiram retornar o mais rápido possível à tribo. Antes de saírem do antigo templo, eles ouviram o barulho forte da maré se chocando contra a costa, mas o barulho estava vindo de dentro da caverna. Ao olharem para baixo, eles notaram que os seus pés estavam pisando em água, uma água que vinha do vão localizado na base das paredes. A água estava começando a subir, então, saíram correndo em direção à vila. Enquanto eles corriam, diversos gritos de sofrimento emanavam da caverna, sendo aos poucos silenciados pela água, os gritos de uma pobre alma torturada e conhecida por eles, o pobre Epalanga.

Abalados pelo traumático evento vivenciado, Ekumbi decidiu contar ao povo da tribo que seu pai estava morto, e que ele seria o novo chefe. O povo chorou pelo seu falecido líder, querido por todos, mas eles celebraram a coragem de Ekumbi, por assumir a posição tão cedo e o desejaram sorte e sabedoria para guiar a tribo em um futuro incerto. Emocionado por esse ato de compaixão de seu povo, Ekumbi deu presentes a cada um deles com mercadorias de Martim, após entregar a ele a devida quantia em ouro, afirmando que da próxima vez tudo seria mais simples.

3.

A viagem de volta foi devastadora, Martim retornou à costa angolana e buscou sua tripulação antes de retornarem a Portugal, mas no momento que a nau se distanciou da costa africana, a maré se tornou intensa. Ondas fortes se chocavam contra o casco do barco com forças absurdas, os ventos estavam lutando contra Martim, mas o motor ainda era potente. Horas se passavam e a cada minuto a

situação piorava. A embarcação quase afundou diversas vezes, mas com a fé e a habilidade dos tripulantes, eles conseguiram sobreviver à fúria do oceano e retornar à sua amada Lisboa.

O porto de Lisboa estava sempre lotado de mercantes, no entanto, poucos possuíam a mesma reputação que Martim. Ele sempre trazia quantias boas de temperos e panos da Índia, mas nos últimos meses além de seu cargo normal de temperos e panos, ele também estava trazendo quantias absurdas de ouro e prata. Essas riquezas acabaram atraindo a atenção do rei Carlos I, que fez um acordo com Martim: 40% das riquezas que ele trouxesse em suas viagens iriam para a coroa e, em troca, ele receberia uma belíssima casa próxima da Torre de Belém, além de se tornar um membro da nobreza, com o cargo de capitão-mor.

Nem todos os nobres apoiaram essa ideia, principalmente os outros capitães reais. Eles afirmaram que Martim não tinha direito de receber um cargo tão alto sem ter a educação e a experiência necessária para ser um capitão-mor. Porém, Carlos I não se importou com esses comentários. Martim estava trazendo quantias absurdas de ouro para o reino, números tão altos que nem somando os lucros obtidos pelos outros capitães chegariam perto.

Martim havia se tornado um grande herói para os mercantes de Lisboa, pois ele os ajudava sempre que ia em suas jornadas, levando alguns de seus produtos para vendê-los na Índia e em Angola, em troca de 20% do lucro obtido. Carlos I estava admirado com o reconhecimento e apoio popular que Martim possuía. Assim, ele deu mais poder a seu mais novo capitão-mor, oferecendo a ele controle total sobre o porto de Lisboa, uma ação que gerou diversos problemas com os outros capitães, pois a maior parte do sucesso obtido pela maioria dos capitães-mores vinha da extorsão dos pobres mercadores.

O tempo estava passando e a hora de Martim sair novamente se aproximava, mas dessa vez ele decidiu que sairia em um navio

menor, com apenas três tripulantes para auxiliar no percurso. A maré estava calma, os ventos estavam favoráveis e a mercadoria era farta. Com toda certeza, essa seria a jornada mais lucrativa de sua vida, talvez até mesmo da história de Portugal.

Embora houvesse tantas coisas em seu favor, a falta de tripulação acabou sendo uma dificuldade. Um buraco havia surgido no casco da Caravela, nada alarmante, porém, caso algo de errado acontecesse, a embarcação poderia afundar em segundos. A tripulação de Martim não tinha o equipamento para fechar completamente o buraco, muito menos experiência para prosseguir com extrema cautela. A única opção que havia lhes restado era alcançar um porto na costa africana e tentar resolver o problema com mais calma.

Surpreendentemente, nenhum posto estava à vista e uma estranha névoa se alastrava pela costa e pelas águas. Mesmo tendo feito esse exato trajeto, Martim jamais havia deparado com um fenômeno como aquele. A névoa era tão densa que impossibilitava a visão de qualquer coisa a pelo menos um quilômetro de distância. Continuar a viagem seria suicídio, mas nada impediu Martim, que insistiu em seguir o trajeto, convencendo sua tripulação de que o destino estava absurdamente próximo, apenas mais duas horas de navegação e eles atracariam na ilha.

A névoa só piorava e a vontade dos tripulantes de retornar a Portugal era grande. As águas haviam se tornado impetuosas, com fortes ondas e ventos abusivos. A pior parte era que uma tempestade estava se aproximando. Era impossível determinar de onde ela estava vindo, os trovões pareciam vir de todos os lados e os relâmpagos tinham posições conflitantes, alguns eram próximos e outros eram distantes, os feixes de luz vinham de todos os lados e revelavam figuras em meio a névoa. A ilha estava próxima, os relâmpagos a revelavam, mas Martim podia jurar que havia algo de errado com aquela visão, algo não estava certo.

4.

Uma figura estranha pairava sobre a ilha. Em meio ao barulho da tempestade, Martim conseguiu ouvir gritos, urros de agonia vindos da ilha. A tempestade se intensificava a cada minuto e a maré se inquietava ainda mais, A cada relâmpago, era possível enxergar o motivo do desespero: coisas estavam emergindo do oceano, a praia estava lotada de criaturas, os urros de dor se intensificavam conforme a figura se contorcia. Sua aparência era indescritível. A criatura era colossal, cinco vezes maior do que qualquer navio que Martim já havia visto. Membros profundiam de seu corpo e se remexiam em velocidades extremas. A pior parte da figura eram os seus olhos. Quando ela olhou na direção de Martim, ele viu três pares de olhos que brilhavam na escuridão, organizados de forma assimétrica na face da besta. Ao fixar o olhar de Martim, o ser emitiu um rugido estridente e mergulhou, levando a ilha consigo para as profundezas.

A tempestade continuava, ainda mais feroz. Martim comandou que sua tripulação retornasse para Portugal, e na maior velocidade possível. O buraco no casco era o menor de seus problemas agora. Apesar de o motor funcionando em sua capacidade máxima, a carga no navio era pesada demais para que eles atingissem a velocidade desejada. Eles tiveram que se desfazer de boa parte da mercadoria, sacrifício necessário para que todos saíssem de lá com vida.

Estranhos barulhos começaram a ser ouvidos pelos tripulantes e o buraco no casco estava cedendo. Barulhos de metal sendo arranhado estavam se tornando constantes, os sons vinham das laterais da embarcação, mas ao olhar para fora eles não viam nada, apenas névoa e água.

Incessantemente escutavam os arranhões, a chuva caía ininterrupta e a comida estava acabando. Ainda restavam muitos dias de viagem até Lisboa. Sem contar as complicações climáticas e técnicas, na melhor das hipóteses, eles teriam vinte e três dias de viagem, ou até mesmo vinte e cinco. Mas a maior preocupação de Martim era com a sua reputação. Essa seria a primeira vez que ele retornaria de mãos vazias, sem nada para oferecer ao rei, e com baixas na carga, ele tinha certeza de que algo de errado iria acontecer.

Na manhã do dia seguinte, a névoa havia se dissipado, mas os arranhões persistiram, cada vez mais intensos e mais próximos. Ao completar vinte e sete longos dias de viagem, Martim e sua tripulação conseguiram atracar no porto de Lisboa, de mãos vazias, sem mercadorias e com um barco absurdamente danificado, com marcas de garras por toda a embarcação.

Carlos I agendou uma reunião com Martim para que ele se explicasse sobre a viagem que havia trazido apenas prejuízos para o reino. Reparos no barco seriam caros, e sem o ouro que Martim trazia sempre, a tesouraria teve de lidar com dificuldades para bancar as despesas. Martim foi deposto de seu cargo como capitão-mor, perdeu sua mansão e seus bens, sua mulher organizou uma separação e levou os filhos consigo. Ele estava sozinho, mas não exatamente.

Desde aquela noite, Martim não conseguia parar de ouvir os sons, os arranhões, os urros de dor e sofrimento, além do grito abafado de um afogado. Esses constantes pesadelos o mantinham acordado à noite, não tinha como fazê-los parar. Até que um dia, eu o encontrei, deitado em um banco de praça, murmurando para si palavras ininteligíveis e tremendo de frio e fome. Eu o alimentei e o ajudei a se recuperar. Quando tudo estava começando a melhorar, ele faleceu. No dia anterior à sua morte, ele me disse algo que eu nunca irei esquecer, pois essas palavras estão agora gravadas em

minha mente: “Se mude para um lugar bem distante do mar, as profundezas são mais aterrorizantes do que todos pensam...”

Agora escrevo esse relato para que as experiências de Martim não sejam esquecidas. Creio que esse será o fim desse conto, a maré está muito intensa hoje.

Aluno 4115 - Cintra - Turma 202

TEXTO DE DESPEDIDA DO CORONEL ALUNO

Saudades

Comumente, quando procuramos informações sobre o conceito de escola, é possível encontrar pensamentos que o relacionem com a ideia de rotina, de repetição: acordar em um horário fixo, arrumar-se, chegar ao colégio, ter aulas e depois voltar para casa, fazendo esse processo durante a maior parte dos dias do ano de modo quase que automático. Apesar disso, essa percepção não se encaixa quando relembro os sete anos em que estudei no Colégio Militar de Salvador.

Todos os dias em que vesti o meu uniforme foram únicos. Alguns guardam aprendizados interessantes e lições indispensáveis, enquanto outros trazem lembranças de ocasiões divertidas e diferentes risadas com os amigos. Ao mesmo tempo, existem coisas que todos eles permitem memorar: a inspiração e o conhecimento passado pelos docentes, os valores reforçados e transmitidos a partir das diversas situações do cotidiano dos estudantes, a construção de amizades insubstituíveis e que, certamente, durarão muitos anos por vir, a atenção e o incentivo dados pelos profissionais militares que fizeram parte desse período. Por isso, cada uma das datas escolares foi, de fato, especial, contribuindo para a minha evolução não só como aluno, mas como pessoa.

Conhecer algumas das pessoas mais importantes da minha vida, descobrir com o que eu gostaria de trabalhar e estudar no futuro, aprender o valor da responsabilidade, do respeito e do esforço, conseguir praticar esportes prazerosos, valorizar as ações de caridade e altruísmo e reconhecer a importância de trabalhar em conjunto (principalmente nas semanas que precediam as tão fascinantes Feiras Culturais!): devo tudo ao CMS. Hoje, todos esses itens ajudaram a maturar uma ideia a qual considero essencial: viva todos os instantes, aproveitando tudo que a vida oferecer. Pode parecer uma frase trivial, mas no final das contas, ela é verdadeira. Quando passamos pelas experiências ao longo das nossas jornadas pela vida, tudo que podemos acessar desses momentos posteriormente são os ensinamentos e as memórias deixadas por

eles. Por isso, poder ter tido a chance de viver parte dos meus dias nessa escola é simplesmente incrível.

Agora, já como ex-aluno, recapitular os “não-tão-velhos” tempos, observar as fotos e mensagens que registraram momentos tão singulares e, eventualmente, passar os olhos pelos papéis de algumas provas e trabalhos ou pelas fardas guardadas dentro do armário são episódios sempre acompanhados por sentimentos nostálgicos e profundas saudades. No entanto, isso só revela o verdadeiro valor da oportunidade de poder ter sido um estudante do Colégio Militar de Salvador. Afinal, como afirmou o educador Rubem Alves: “A saudade é a nossa alma dizendo para onde ela quer voltar.”.

Aluno 3964 - Nicolás -Turma 302



2020